

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

DUARTE, Neimar Freitas. Neimar Freitas Duarte (depoimento, 2021). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 53p. (2h48min).

Entrevista com Neimar Freitas Duarte (professor do IFMG, ex-Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação e Pós Graduação e à época da criação do IFMG assumiu o cargo de coordenador da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação), realizada dia 08 de janeiro de 2021, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. E estiveram presentes também Pablo Menezes e Oliveira e Livia Serretti Azzi Fuccio. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Mauro Fernandes Maia e Fernanda Galhardo Dias. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.

Douglas Biagio Puglia: [...] E o passado disso, as coisas, mas o nosso foco principal é esse e, então, novamente muito obrigado por participar conosco. Ok? Então vamos lá. Neimar, no primeiro momento aqui da nossa entrevista, falar um pouquinho sobre a sua pessoa, né, sobre sua trajetória profissional e também dentro do antigo CEFET e agora Instituto Federal. Aí eu queria que você falasse um pouco sobre a sua formação acadêmica até o concurso. Como se deu a sua entrada no CEFET Bambuí, né, e hoje IFMG?

Neimar Freitas Duarte: É, estão me ouvindo bem?

Denis Pereira Tavares: Sim, tamo ouvindo bem, Neimar.

Neimar Freitas Duarte: Tão me ouvindo? Douglas?

Douglas Biagio Puglia: Ok.

Neimar Freitas Duarte: Ok?

Douglas Biagio Puglia: Tá ótimo.

Neimar Freitas Duarte: Então tá bom. É, então, primeiro eu quero agradecer você, Douglas, quem tá trabalhando aí com vocês no Centro de Memória, o Pablo, né, o Pablo é um pouco puxa-saco meu, mas, é, a gente releva isso, né. Agradeço pela presença e por esse trabalho que vocês têm feito e por me convidar para participar com vocês aí. Eu entrei... anteriormente, né, de entrar no Instituto, na verdade, do CEFET/Bambuí, eu passei em algumas instituições particulares de ensino, né, de Ensino Superior, como a UNIBH, como a UNIFENAS, e apareceu um concurso, quem me falou até foi um aluno meu na época: “olha professor, tem um concurso lá na minha cidade”. Ele era de Bambuí. E falou: “vai lá fazer e tal”. Fui fazer esse concurso, né, sem muita expectativa de passar e acabei passando. E não era uma área, assim, vamos dizer assim, área dura minha, área que realmente eu... Tanto, tudo bem que era uma área mais ampla, ambiental, que eu tava entrando, meu doutorado, foi nessa área, mas eu tava lecionando, né, na área de tratamento de efluentes, tratamento de resíduo. E por estar lecionando, eu tava muito ali, né, e acabei fazendo, saindo muito bem na prova, saindo muito bem na prova didática e passando no concurso. E logo ao entrar no CEFET, é, por imaturidade, muitas coisas eu questionei, principalmente essa questão do trabalho dos alunos. Os alunos eram muito... Hoje eu entendo aquilo, primeiro porque era um momento, né, que o Fernando Henrique tinha sucateado as instituições, né, os CEFETs, e com isso, pra um CEFET poder ter condições de se manter, o único jeito, né, as escolas agrícolas, era produzindo, e não tinha mão-de-obra pra produzir! Quem produzia isso eram os alunos, até pra se manter. Mas por um lado, isso tinha um lado, um papel didático muito interessante, né, um papel didático, assim, que os alunos **realmente**, eles faziam **tanto** aquele trabalho que eles acabavam saindo dali sabendo fazer. Mas eu questionava

muitas vezes, por exemplo: “ah, por que um zootecnista tem que ir lá tirar leite? Por que um zootecnista tem que tirar leite todo dia de manhã? Por que tem que um engenheiro de alimentos ter que cortar mil frangos, picar mil frangos?”. Aquilo eu ficava questionando, né, então, eu acho que era um pouco exagerado, mas, ao mesmo tempo, quando eu entrei, né, que foi um choque. Então eu entrei já no CEFET querendo mudar essa realidade. Entrei com intenção de, realmente, de mudar isso, de que isso acabasse. Isso foi um dos motivos até que a gente entrou logo na campanha. Tinha um grupo forte aqui no CEFET/Bambuí que perpetuava por 40 anos na gestão, o mesmo grupo, 40 anos, ninguém nunca conseguiu vencer. Teve duas, grupos diferentes, dois grupos, a mesma pessoa tentou duas vezes, mas não conseguiu. Aí a gente se uniu com esse grupo que já tinha aqui e conseguimos vencer a eleição. Entrou também 70 professores já de uma vez, então acabou isso dando uma nova conotação aqui ao CEFET/Bambuí e mudando muito essa realidade. Eu acho que a gente inovou trazendo muita coisa interessante, como pós-graduação, pesquisa, né. Por outro lado, acho que a gente perdeu um pouco da prática. Eu acho que hoje já se equilibrou, né? Quem entrou, né, depois da gente, ele era desse grupo antigo e ele, por esse grupo, ele acabou tentando colocar mais prática, e eu acho que hoje é uma coisa mais equilibrada aqui a questão da prática agrícola, né, da prática dos alunos de pegar e ter mão na massa, saber fazer, né. Então, hoje eles têm a técnica, então eles sabem bem isso. Então, a minha entrada, a minha trajetória pelo CEFET foi essa, já entrei já querendo, me envolvendo politicamente, me envolvendo na gestão, aí logo eu assumi a pesquisa e a pós-graduação aqui e aí nós implementamos o primeiro programa de iniciação científica aqui no CEFET, foi da minha época. Começaram os primeiros cursos de pós-graduação aqui, que foi os lato sensu, foram vários cursos, né, então aqui tinha, nós já começamos com três cursos de lato sensu e assim que nós iniciamos aqui esse processo, aí entrou, na época, conseguiu um [inaudível 00:06:35] pros professores aqui, que foi muito importante pra qualificação dos professores. Também um [inaudível 00:06:45], então foi uma experiência muito feliz aqui, que realmente a gente conseguiu trazer, inovar o CEFET/Bambuí. Eu não sei se eu explanei tudo, mas a gente vai conversando, né, aí a gente olha outra coisa, a gente vai falando aí.

Denis Pereira Tavares: Neimar, aqui é o Denis. Junto com o Douglas, é, vou tá conduzindo aqui a entrevista. É, eu agradeço demais a sua disponibilidade, né,

prontidão, assim, de participar mesmo desse projeto do Centro de Memória e com certeza, assim, essa conversa, né, essa entrevista vai ajudar demais nesse processo de conhecimento do que é a instituição, né, as suas bases, a sua estruturação, seu processo inicial, né, a partir de 2008, e situações, né, inclusive de hoje. Então a gente agradece demais! E, até uma coisa que eu ia te perguntar é se você autoriza essa entrevista, né? Porque mais na frente a gente tá criando o nosso Portal e aí a gente vai...

Neimar Freitas Duarte: Claro!

Denis Pereira Tavares: [...] disponibilizar trechos, né, dessa entrevista para o Portal, né, aí vai ter várias entradas...

Neimar Freitas Duarte: Sim, claro.

Denis Pereira Tavares: [...] com imagem, fala. Tudo tranquilo, Neimar?

Neimar Freitas Duarte: Sim, sim, sim.

Denis Pereira Tavares: Então, mais uma vez, muito obrigado. É, você falou aí, do seu histórico, né, antes de entrar no IFMG, os lugares que você trabalhou e ocupou, principalmente como docente e no IFMG também como docente, eu queria saber, assim, aí você falou que ocupou politicamente, né, alguns cargos aí, algumas funções de direção, eu queria saber, além de docente, quais foram essas funções, assim, ao longo desse tempo até hoje que você ocupou. Quais foram as funções de direção que você ocupou dentro aí, pode ser desde o CEFET, né, até o IFMG? E como surgiu a oportunidade de ocupar essas funções? Como você percebe isso?

Neimar Freitas Duarte:: Sim, na verdade, eu não tinha assim quando eu entrei no CEFET essa expectativa ou essa, vamos dizer assim, esse desejo, né, de gestão. Não era, eu não tinha essa ambição. Não era algo que eu ambicionava, assim, cargo, né. Mas,

assim, fui muito motivado pela mudança, né, assim, pra tentar ajudar, pra motivar... Acaba depois a gente meio que criando gosto e desgosto por essas coisas. Bem, mas eu comecei aqui no CEFET, né, como diretor, na verdade, eu recebi, como não tinha CD pra todo mundo, a minha CD era uma CD 4, mas eu tinha o status de diretor, né. Então, era diretor de Pesquisa e Pós-graduação aqui do CEFET/BambuÍ. Então, logo quando se criou o Instituto, é, se uniu, né, com o CEFET de... Falaram isso aí muito tempo, se uniu CEFET/BambuÍ, CEFET/Ouro Preto e Escola Agrícola de São João Evangelista... Como Bambuí era o único desses três que já tinha pesquisa implantada, já tinha pós-graduação implantada, na época o reitor me convidou pra ir pra Belo Horizonte pra atuar na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Na época, era o reitor Caio que foi o primeiro reitor, me convidou pra assumir uma coordenação, aí na época muita gente ficou aqui: “qual?”, se era pesquisa, se era pós-graduação... Eu preferi a “pós” porque a “pós” envolve, além de ensino, você acaba envolvendo pesquisa também. Então, a gente achou que a “pós” seria mais estratégica. Eu fui como coordenador de “pós” pra lá, mas acabou que não tinha muitas CDs, não tinha. Na época, eu acabei assim, na época, assumindo, vamos dizer assim, como um pró-reitor adjunto, quase. Eu não fui como pró-reitor, fui como coordenador, né, de “pós” e, mas atuava na pesquisa, um pouco na inovação, tanto que o primeiro Seminário Nacional de Inovação Tecnológica foi uma ideia lá, quando eu estava lá, e eu submeti o projeto, inscrevi o projeto, consegui o projeto com recurso nacional CNPq e foi um projeto, né, que teve quase todos os Institutos presentes em Ouro Preto. Foi muito forte esse evento, fui um evento que logo ele chacoalhou os Institutos. E depois, aí continuei. Aí, posteriormente, eu assumi uma diretoria de “pós”, eu acho que isso é só nome, né, por causa da CD, né, aí passou pra uma CD 3 e logo eu, antes de terminar o mandato do Reitor, é, Caio, né, eu discordava, né, de alguns posicionamentos e acabou, é, eles acabaram me exonerando do cargo antes de terminar o mandato dele por discordância de visão política e tudo mais. E aí eu fiquei... Eu nunca saí da sala de aula, né, eu sempre, mesmo com esses cargos de direção, eu mantinha uma disciplina, né. Já, tanto que, por exemplo, eu já dei aula em Ouro Preto, dei aula em Sabará, pra contribuir, pra não sair fora de sala, e algumas vezes também em Bambuí, né. Então, como Bambuí tava ficando muito difícil de se deslocar de Belo Horizonte pra cá, eu assumi algumas disciplinas em Ouro Preto por dois anos. Em ano, né? Dois semestres. A mesma coisa em Sabará, um ano, dois semestres lá. Até depois que eu fui transferido, minha remoção, né, pra Santa Luzia, e aí, antes de, depois dessa época da remoção e tal, eu assumi, a convite do Reitor atual, o

professor Kleber, eu assumi a Pró-Reitoria de Inovação, de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação, na reitoria. Então foram esses cargos que eu tive aí durante esse tempo. Foi um longo tempo, né, aí com cargos. [risos]

Douglas Biagio Puglia: E...

Neimar Freitas Duarte: Ok? Até aí [inaudível 00:14:15], Denis?

Denis Pereira Tavares: Isso. Não, tranquilo. Perfeito.

Douglas Biagio Puglia: Não, tá ótimo, Neimar. E Neimar, até nesse sentido, né, que você entrou no CEFET, atuou sempre atuou como docente, teve vários cargos, aí qual é a sua visão, aí pegando uma questão pessoal sua, né, qual é a sua visão do que é o Instituto Federal de Minas Gerais? O que, e aí o que que você considera que é esse projeto institucional do IFMG? Na sua visão, o que é o IFMG, o projeto institucional do IFMG?

Neimar Freitas Duarte: Ô Douglas, assim, o projeto, né, vamos colocar assim, como 12 Institutos, é, um projeto, né, criado lá pelo governo Lula, né, é, Fernando Haddad lá, é claro, não só eles, né, vários profissionais tiveram, né, várias pessoas, né, tiveram no entorno dessa proposta, e eu acho uma proposta fantástica, tenho um carinho muito especial pelos Institutos assim. Mas eu acho que os Institutos tão muito longe do que, não falo só o IFMG não, os Institutos estão muito longe do que tá no papel, né. Eu acho que a realidade que tá no papel é o quê? É um Instituto **atuante** na sociedade. Atuante, na produção local, né? Então eu vejo que nós estamos muito longe disso. Um parâmetro é esse. Outro parâmetro, por exemplo, que é a pesquisa, a pesquisa aplicada, [inaudível 00:16:06] com associações cooperativas, com unidades locais, isso aí nós não temos, é muito pequeno, entendeu? Talvez, São João, Bambuí, o interior, Ouro Preto, um pouquinho mais, um pouquinho, né. Então, assim, nós estamos muito aquém do que tá lá no papel. E o que me preocupa, ô Douglas, é o seguinte: é aquilo que eu até voltei a falar no início, é o seguinte, enquanto os [falhas na conexão 00:16:44]... técnica, a

proposta do ensino é de fazer um técnico agrícola, ele sabe plantar, ele sabe regular uma máquina, ele sabe quantas sementes que vai cair, ele sabe qual adubo que tem que usar, e eu tô vendo que nós estamos distanciando disso, entendeu? Hoje o nosso técnico, vou colocar no meu campus lá, o nosso técnico em Edificações, ele não levanta uma parede de tijolo. Como ele é formado em Técnico de Edificações se ele não sabe levantar? Ele nunca pegou numa pá! Ele nunca pegou num tijolo, nunca pegou num cimento, ele não sabe nem... tudo muito teórico. Nós estamos indo em um caminho teórico, extremamente teórico, extremamente. Isso me preocupa muito. Então, nós... Aquilo que era... As escolas técnicas tão distanciando disso, porque entrou a pesquisa, entrou a extensão e a visão, virou uma visão de universidade teórica. E nós não somos nem universidade, tá muito longe disso, e nem somos o que era... É a minha visão, tá, ô Douglas. E nem somos o que é a proposta dos Institutos, né. Os Institutos de cursos práticos, de cursos técnicos, que um engenheiro mecânico sabe mexer num torno, que um técnico mecânico sabe mexer num torno, que um eletricista sabe fazer, um técnico em eletrônica e por aí vai... Então, eu vejo que nós não temos... Eu vou dar um exemplo, né, de Bambuí, que eu tô aqui, você pega um técnico, um Técnico em Telecomunicações, o cara não sabe, eu sei que tem curso aqui, o cara não sabe mexer no seu computador... Você não acha uma pessoa na cidade pra isso. O que o campus Bambuí tem formado de profissional pra oferecer pra essa cidade, pra que essa cidade se desenvolva, pra que mude a realidade dessa cidade? Assim, eu sei que muitos mudam a história porque nós estamos em locais afastados de grandes centros e quando estamos em grandes centros, estamos em áreas pobres. Mudamos, sim, a realidade desses alunos, que são alunos, na maioria das vezes, pobres. Eu acho que a gente faz esse papel muito bem, né. Tiramos ele dessa realidade e damos uma outra oportunidade a ele. Esse, eu vejo que esse aluno ele muda, muitas vezes, isso eu não tenho dúvida que o Instituto consegue fazer, mudar a vida do aluno, porque a maior parte dos nossos alunos são pobres. Então eu vejo, uma coisa é o papel, a outra é a realidade. E eu vejo, Douglas, que o IFMG é um pouquinho pior que alguns, entendeu? Por quê? Você pega, eu já fui no Instituto Federal Fluminense, a sala de aula é dentro do laboratório. Você tem lá as cadeiras, o quadro e atrás vocês tem o laboratório. O professor dá aula, o aluno vai lá pras máquinas mexer na máquina. Você tem o Técnico em Química, o professor tá lá no quadro, atrás tá o laboratório de Química que o aluno vai fazer reação, o aluno vai mexer nisso. Nós não temos isso na maioria dos nossos campus, nem laboratório a gente tem, entende? É uma realidade complicada. Você vê no IFES, no Espírito Santo, a

mesma coisa. Os laboratórios super bem equipados, os alunos vão pra prática, têm aula prática, vão lá fazer. Os nossos alunos, a grande maioria dos nossos alunos, não fazem. Me desculpa, eu sou professor, coloco mea culpa nisso, professores não aproveitam também a estrutura que têm, eu vejo lá em Santa Luzia, o laboratório lá que nós temos é pouquíssimo usado, entende? A minha disciplina, por exemplo, a de Engenharia Ambiental, não tem prática, mas eu faço questão de ter prática pra levar os alunos lá pro laboratório. Claro que eu também sou deficiente nessa questão também, né, então me preocupa essa relação prática do ensino. Eu vejo que a pesquisa e a extensão tá muito longe do que era pra ser no papel, da aproximação com a comunidade, mudar a realidade da comunidade, estar envolvido com as indústrias: “ó, o que cês tão precisando?”. Por exemplo, no Brasil hoje a gente não faz um prego, tudo é da China. Tudo é da China! Nossa indústria tá acabada, né, e o que os empresários fazem? Eles acham mais fácil do que a gente desenvolver tecnologia aqui ir lá na China comprar, ir lá na China copiar. Então, a gente tem que tentar contribuir pra mudar essa realidade brasileira, e eu penso que o mundo tem que mudar isso, se o mundo entendesse que o mundo em relação à China é enorme... Então, nós precisamos... O Instituto foi criado pra isso, pra ter estreita relação com a indústria, com empresário, com as demandas locais, e que eu acho que nós estamos bem longe disso, viu, o Instituto Federal Minas Gerais principalmente, muito longe. Falo como alguém que passou lá na pesquisa e não conseguiu mudar isso, tá? Faço mea culpa em relação a isso. Tentamos, mas não conseguimos reverter esse quadro.

Douglas Biagio Puglia: Bacana, bacana. Legal.

Denis Pereira Tavares: Neimar, pra você que tá assim desde a mudança institucional, né, de CEFET pra IFMG, pegando exclusivamente o IFMG, IFMG com seus 12 anos de história, né, então você tá aí desde a fundação, antes e desde a fundação do próprio IFMG, o IFMG fazendo 12 anos de história. Pra você que percorreu essa história, pra você inclusive que ocupou alguns cargos aí, né, de direção, eu queria saber, assim, qual é o balanço que pode ser feito desse período, desses 12 anos, seja, assim, de você como professor ir percebendo algumas transformações dentro do próprio IFMG, seja esse balanço mesmo desde o início, quando você entrou até hoje, percebendo a própria instituição?

Neimar Freitas Duarte: É claro, né, não posso negar, né, Denis, que houve uma evolução muito grande. Nossa, claro! É, pras instituições que não tinham pesquisa, por exemplo, né, hoje todo campus tem pesquisa, tem bolsa de pesquisa, né, todos os campi nossos têm pesquisa. Então, isso evoluiu muito, né? A proposta do reitor anterior, do Caio, né, que foi uma proposição nossa, mas ele abraçou e investiu recurso nisso, da pesquisa aplicada, da pesquisa com a demanda local, né, isso evoluiu. Talvez fôssemos o primeiro que colocamos isso, o IFMG. O uso, por exemplo, facilitado pro professor gastar o dinheiro do cartão pesquisa, o cartão PB, né, nós fomos pioneiros nisso, o Instituto Federal de Minas Gerais. Então, eu vi uma evolução muito grande, tanto do que era, né, o CEFET/BambuÍ, do que era o Instituto no início e o que evoluiu. Eu vejo assim, uma coisa bem peculiar, é, uma diferença como a gestão ela dá a entonação, né, do que deve ser o Instituto. É bem interessante isso. Talvez eu possa estar equivocado na minha visão, né, por exemplo, o reitor anterior, ele era mais um empresário, uma visão minha que eu tenho como professor, né, tem a empresa dele, né, e ele trouxe isso pro Instituto. Isso foi bacana, né, foi bacana isso pro Instituto. Então ele trouxe essa visão empresarial, essa visão de gestão, de organização, de centralizar as coisas, de centralizar compra. Então ele tinha uma visão de centralizar bem interessante. Mas era extremamente centralizadora, entendeu? Era muito centralizado. Com isso, tudo meio que passava na reitoria obrigatoriamente e isso trouxe muitos conflitos, né, na época, né, com diretores, com os professores e técnicos. Então, houve conflitos nesse sentido, mas sempre havia algo positivo, principalmente porque tava começando. Ele tava... e uma coisa que o reitor anterior tinha é que ele era muito, bastante ousado, né, em arriscar, em criar, abria campus, abria campus, abria campus... Muitas vezes de forma desordenada, mas ele conseguiu que o Instituto fosse o que é hoje porque ele arriscou. Se ele tivesse: “não, vamos ficar só nós três aqui”, “nós vamos ficar só 5, 6, aqui e tal”, não teríamos isso hoje, entendeu? Então ele deu... por isso que é interessante, é importante escolher bem, né, quem é o gestor da instituição, porque ele dá realmente, é, vamos dizer assim, dá velocidade, vamos marchar mais rápido, vamos marchar mais lento, vamos por esse caminho, vamos por aquele. Então, e você vê hoje, o reitor é bem mais prudente, né. Ele é mais assim, vamos dizer assim, ele buscou mais trazer a questão, vamos dizer assim, mais humana talvez do Instituto, de olhar mais com cuidado pras pessoas... Apesar que tem falhas nisso também, né. Mas, por não ser tão politiqueiro em algumas coisas, por

exemplo, anteriormente, pra gente mudar de campus era o reitor que decidia isso. Hoje não. Hoje você tem um edital, hoje você tem lá os grupos de professores, se vão aceitar aquele professor ou não, aquela pessoa ou não. Então, antes era muito assim, na base assim: “eu gosto de você, eu mudo você de campus”. Então as coisas foram sendo mais transparentes também com essa gestão e mais oficiais, né. Uma coisa que é assim, uma coisa mais regulamentada. Então os regulamentos são importantes, as normas são importantes e nisso o Instituto foi evoluindo pra que fosse realmente as coisas regulamentadas, normatizadas, orientadas de forma correta. Evoluiu muito agora com o Kleber nesse sentido. Então, a gente vê duas gestões que teve seus problemas, mas que teve seus méritos também. E o Instituto, claro que teve méritos, houve uma grande evolução nesse sentido, né, em abertura de campus, na organização do campus, na construção de campus que essa gestão agora atuou. Tinha o problema de Sabará, era uma coisa terrível, né, eles atuavam em três campus diferentes, três lugares diferentes, e distante um do outro. A biblioteca era num lugar, a sala de aula era na outra e gestão era na outra, né. Então, o Kleber veio e conseguiu terminar o campus. Então tem seus méritos. Por exemplo, Ipatinga, né, que não existia e rapidamente construiu, organizou. Ouro Branco, tantos outros, né. Então, acho que houve uma evolução física, uma evolução de normas, de regras. Eu acho que nós evoluímos pouco em quê? Na qualidade da pesquisa, na qualidade do ensino e na qualidade da iniciação, o que são fins, são fins nossos. Eu acho que nessas três coisas nós evoluímos pouco, mas criamos base pra ter isso. Como? Tendo laboratório, tendo sala de aula de qualidade, né, contratando professores, criamos normas e regras que podem levar a isso, né. Que podem levar a isso, mas ainda não chegamos a isso, né. Eu me preocupo muito quanto a isso, por exemplo, de você ter que passar um aluno. Você tem que passar o aluno, coitado do aluno, e o colegiado interfere na decisão do professor... É claro, se for um professor louco, um professor que deu pau em todo mundo, tudo bem. Mas aí vem lá o colegiado, interfere e aprova um aluno que foi malandro o ano inteiro. Então tem que tomar alguns cuidados com isso da gente não falar assim: “ah, não, nossos alunos, coitadinhos, são pobres, vieram de classe pobre”. Não, porque vieram de classe pobre não quer dizer que o cara não é capaz. Claro, a gente tem que entender a base que ele teve e tudo mais, a gente tem que equilibrar isso, mas não chegar a baixar a... por esse... me fugiu a palavra, mas diminuir o nível ou diminuir a qualidade da nossa educação, do nosso ensino, por isso. É isso, Denis. Eu não sei se eu respondi. [risos]

Denis Pereira Tavares: Não, respondeu sim. Perfeito, Neimar, brigadão!

Douglas Biagio Puglia: Muito bom! [tosse] Desculpem! É, Neimar, agora mudando um pouco a chave pra gente entender os processos de criação mesmo do IFMG. Então, é claro, na verdade não só do IFMG, mas de todos os Institutos Federais, de forma geral. É claro que nós temos aí a famosa lei, né, 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que é a que institui a Rede Federal e, por consequência, os Institutos Federais, mas aí eu queria saber de você o seguinte: como que foi o processo de criação desses Institutos? Tudo bem, teve a lei, beleza, mas como foi o processo de criação e como você se vê nesse processo? Que papel você desempenhou pra contribuir, né, nesse processo de criação dos Institutos? Aí, claro, você, no caso, do IFMG.

Neimar Freitas Duarte: É bem interessante isso, Douglas, porque, assim, eu participei bastante dos bastidores da criação, E teve casos, assim, muito engraçados nesse processo, né. Foi uma criação bem política, bem... foi uma coisa de mineiro, até bem engraçada, essa coisa que você vai costurando a situação, né, não formalmente, de forma bem informal. Então, assim, quando nós assumimos a gestão do CEFET de Bambuí, nós colocamos até lá na nossa proposta política que nós viraríamos Universidade Tecnológica [risos], olha como nós éramos ousados. Bem, aí logo veio a proposta, né, do Haddad e começou uma discussão em cima dessa proposta. A proposta vocês devem ter ouvido isso já de outros entrevistados, que a proposta inicial da criação dos Institutos era um por Estado, né, era um Instituto por Estado, né. Isso foi mudando, muito devido ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Minas Gerais não aceitou logo de cara isso, Rio Grande do Sul também, né, e Minas principalmente pela sua extensão. Tínhamos as escolas técnicas já, CEFETs, né, então, né, e aquilo foi brigando, peitando e os diretores, na época, dos CEFETs, né, de Uberaba, o diretor de Rio Pomba, o próprio diretor de Ouro Preto, o Caio, e outros por trás foram articulando com deputados, Reginaldo Lopes, outros deputados, né, e que foram, né, tentando mudar essa realidade de Minas Gerais, de ter um Instituto. Primeiro que a ideia era que o CEFET/Minas encabeçasse, né, Belo Horizonte seria a Reitoria, né, em Minas Gerais. Então... Isso quando já nos finais, assim, a gente começou a ser convidado pra isso ser

discutido, a gente já tinha já traçado algumas coisas, então, em Minas Gerais teriam quatro Institutos. Em Minas Gerais que teria, do Instituto do... tinha lá o Glauber, que era diretor da Escola Técnica de Machado, tinha um outro diretor de Inconfidentes, que me sumiu o nome dele, e tinha um representante da Escola Técnica de Muzambinho, e tava eu, o Oti e o Washington, né. O Washington que é diretor hoje de Formiga e o Oti hoje é diretor de Ibirité. E lá nessa reunião, né, Ouro Preto queria, nas próprias palavras do Arthur, na época, capitanear essa orientação, né, então eles queriam que a reitoria, né, eles queriam comandar a reitoria, eles queriam escolher o reitor, então isso... Todos os gestores na época, né, ficaram inconformados com aquele posicionamento, falaram: “não, nós não vamos, nós não vamos”. Porque o CEFET/Minas tinha decidido que não ia virar, né, o CEFET/Minas queria virar Universidade Tecnológica. Então aquele grupo ali, cada um puxava pra um lado. Nessa reunião, a gente deu até a bobeira na época de sugerir assim: “não, então vamos votar primeiro, se a reitoria do Instituto Federal de Minas Gerais vai ser no interior ou vai ser na capital”. Então, Bambuí propôs a reitoria em Divinópolis e o Sul de Minas propôs em Pouso Alegre e Ouro Preto propôs Belo Horizonte, né. Então nós votamos. Ganhou Pouso Alegre, claro, que tinha o maior número de escolas técnicas lá próximo, então ganhou lá. O que aconteceu? Bambuí foi pra esses campus do Sul de Minas e São João Evangelista também, né, do Sul de Minas, devido à posição arrogante que tavam na época os gestores de Ouro Preto. Aí o que aconteceu? Nós, eu participei da elaboração do projeto do Instituto Sul de Minas, escrevi, eu e o Washington ficamos muitos dias em reunião junto com outros, né, com o Oiti, que já foi reitor lá no Sul de Minas, né, é... não me recordo de todos, alguns lá de Inconfidentes, escrevemos o projeto que foi pra Brasília e lá dentro do projeto tinha a união das escolas técnicas, três escolas técnicas do Sul de Minas, mais o CEFET Bambuí, mais a Escola Agrotécnica de São João Evangelista. E Ouro Preto ficou sozinho! Ouro Preto mandou, na época, os diretores... a gente entrava na onda: “não, duvido que Ouro Preto vai conseguir aprovar”, mas acabou Ouro Preto conseguindo aprovar, né, o Instituto Minas Gerais, e o Instituto Sul de Minas. E aí, na época, o Haddad ligou pro Kleber, tentou conversar com o Flávio também, que era diretor aqui. O Flávio meio que corria de conversar com o Haddad, e convencendo o Kleber a se juntar, né, com o Instituto Federal Minas Gerais, porque Pouso Alegre ficava muito longe de São João Evangelista. Então, no final das contas, nós fomos pedir arrego. Na verdade, depois o CEFET/Bambuí... O CEFET Bambuí que era pra conduzir, porque na época os CEFETs queriam ser cabeças, não Escolas Agrotécnicas, né. Então, quer dizer,

de uma certa forma, o CEFET Bambuí contribuiu pra que tivesse um Instituto no Sul de Minas, porque Escola Técnica não poderia fazer proposição, só os CEFETs. Então, Bambuí meio que mandou, sendo a reitoria em Pouso Alegre, né. Que pra gente ficava também fora de mão, 600 quilômetros de Bambuí. Então, nossa, depois, no final, o Alexandre, hoje que até é diretor do polo lá de Formiga, que costurou isso com os reitores em Brasília, costurou isso com o Ronaldo que era o reitor do Triângulo de Minas, que até propôs Bambuí ser do Triângulo Mineiro, né, porque geograficamente tem uma posição próxima, né, quase igual Belo Horizonte, e Uberaba que é a reitoria. Então, mas aí o Caio também abriu as portas pra Bambuí se juntar ao Instituto Federal Minas Gerais e acabou fluindo pro Instituto Federal Minas Gerais porque geograficamente era mais interessante, né. E a gente via que era, politicamente, seria mais interessante, seria um Instituto **de** Minas Gerais, possivelmente ia crescer mais e tudo mais. Nós tínhamos toda essa logística, até na época eu votei, teve uma votação pra qual Instituto a gente ia, quem tava na gestão, né, se iria pro Triângulo ou se iria pra Reitoria em Belo Horizonte, no Instituto Federal de Minas Gerais. Então, nós fomos e depois nós fomos mexendo, né, nessa gestão, né, logo com o Caio. E acabou que a gente teve um papel protagonista nisso, o CEFET Bambuí junto com o Caio, né, porque houve meio um racha ali do Kleber com o Caio, né, que o Kleber tinha também pretensões de ser reitor logo no início do Instituto, e o Caio, né, já se colocou como reitor e acabou sendo ele mesmo o reitor nomeado. Até porque a nomeação não era eleição, era uma nomeação, né, então o Caio foi nomeado, mais por força política, e na época nós tivemos que até de concordar com o Caio, foram eles que mandaram o projeto, ele queria ser o reitor, de apoiar, de estar junto da gestão. Então a equipe de gestão aqui de Bambuí, ela foi muito, ajudou muito na criação do Instituto na época, né. Então, o Oiti, por exemplo, que era aqui o Diretor de Planejamento, né, foi pra Reitoria, contribuiu muito, né, nesse início. O Washington, no Ensino, eu na pesquisa, né. Então, teve uma contribuição muito grande. E claro que Ouro Preto acabou sendo, vamos dizer assim, a cabeça do processo e que levou e que trouxe também, né, várias informações e modelos que já existiam em Ouro Preto, principalmente porque eles eram o cabeça, querendo ou não. Então, assim, foi essa história um pouco aí e claro que, diante disso, muitas reuniões, muitos telefonemas, muitas coisas aí, não era só coisas burocráticas e votação lá no Congresso não, né, teve muita costura por fora aí e que acabou sendo cinco ao invés de um. Minas Gerais que hoje é o Estado com o maior número de Institutos Federais, de Institutos, né, são cinco, né, devido realmente a essa força política aí por

trás, e a gente sabe, né, o Brasil, né, tem... e não é no Brasil, no mundo inteiro, né, tem essa questão política que é muito forte, né. Aí, acredito que eu tenha respondido.

Douglas Biagio Puglia: Sim, sim, muito bom.

Denis Pereira Tavares: Tranquilo demais, Neimar. Neimar, sobre esses processos burocráticos, você falou aí, uma vez negociada, né, essas escolas tão diferentes, né, se fundiram, se reuniram, é, vamos formar então a partir de agora o IFMG, uma vez formando o IFMG, você sabe dizer pra gente, discorrer pra gente, quais os processos burocráticos, assim, tiveram que ser atendidos pra construção do IFMG? Por exemplo, editais, reuniões em assembleias, documentos, essas coisas...

Neimar Freitas Duarte: Logo no início, né, a obrigação logo assim de cara era estatuto e o regimento, né. Então, de início nós criamos, se fez o estatuto e o regimento, não foi tão democrático, né, era muito construído isso na reitoria, principalmente o estatuto era praticamente uma cópia da lei também, né, e o regimento que deveria ser um pouco mais discutido, também não teve essa discussão toda, né. Então, foi construído, né, foi levado aos campi para debate pra votação, né, foi construído o Conselho Superior, que teve também no início ali, até hoje tem, mais início acho que foi mais, né. Todo esse traçado político aí, vota nesse porque esse vai estar com o Kleber, vota naquele pra construir esse Conselho Superior. Hoje é mais fragmentado, não consegue controlar isso tanto quanto no início, então ali só tinha gente praticamente que apoiava a gestão no início, né. Então, era muito... uma articulação muito forte aí no Conselho Superior. Tanto do Conselho, né, e do Colégio. Participei do Colégio algumas vezes, né. Era muito bem traçado politicamente, o que você teria até que falar lá, votar, então era muito isso. Eu senti muito no início essa falta de realmente de uma participação da comunidade maior, né. Acho que faltou isso. Hoje o Kleber tenta fazer e acho que conseguiu também melhorar essa participação. É... mas conseguiu. Tinha na época também, pra se abrir os campi, você tinha uma reunião com a comunidade, quais cursos queria, né, pra abrir o campus. Só que isso foi, acho que foi muito mal conduzido, né. Você vê, por exemplo, assim, isso me preocupa muito também, talvez não seja, vamos dizer assim, porque você tá metendo bedelho onde não se deve, né. Mas, assim, por exemplo, lá na região de Belo Horizonte, você tem três campi com eixos iguais,

entendeu? Que é Ibirité, Betim e Sabará. Me preocupa muito isso, entende? Então, eu acho que isso é algo que tem hora que tem que ter a mão um pouco da gestão ali pra cuidar disso, ouvir a comunidade que muitas vezes não é ouvida. Também às vezes a comunidade não sabe dizer o que ela quer de curso, né, tenta-se fazer um estudo, né, nesses locais, pra ver qual que é a vocação, mas a gente... É complicado isso, então eu vejo assim que falta mais nesse sentido a participação. Eu não sei se é exatamente isso que você queria, Denis, perguntar, se era esses... Então, os documentos foram esses e em cada Pró-Reitoria criava-se os seus regulamentos, as suas normas. E teve na época do Caio um manual de gestão, que o Caio propôs, que era um manual bem interessante e que de tanto que se mexeu nesse manual, o Caio não conseguiu lançar esse manual que era um manual bem interessante. Por exemplo, você fala assim pro aluno: “pra você pedir isso na reitoria, onde tá isso? Qual documento que é pra isso?” Então, era um manual prático, vamos dizer assim, pra tudo que você imaginasse, você tinha ali. E que muitas pessoas têm dificuldade, por exemplo, eu vou sair do país hoje, como é que eu faço? Entende? Então tinha lá, tinha os processos, que um servidor público sair do país tem que ter férias, né, ele trabalha, tem que pedir autorização. Então, tinha lá o processo, tinha lá o pra onde que ele ia enviar, então era uma coisa bem bacana e que acabou não saindo do papel isso, mas era bem interessante.

Douglas Biagio Puglia: Tranquilo. Neimar, ainda nessa linha da criação dos IFs, que que você aponta que, aí a comunidade dos campi mesmo e tal, quais as principais questões levantadas e quais foram os principais desafios durante esse processo aí de criação do IFMG? Quais eram as principais preocupações e desafios que você enxerga que ocorreram naquele período?

Neimar Freitas Duarte: Eu, na hora, no momento da criação, né, o que eu vi, assim, que me preocupava bastante era a questão, é, talvez de um avanço meio desordenado, uma criação meio desordenada disso. Porque era o seguinte, o Brasil tava com dinheiro, né, naquela época, e os deputados das cidades, os prefeitos, você chegava pra um deputado, ia lá, o deputado ia no reitor, ia no ministro e fala: “eu quero criar um campus na minha cidade”, e ia lá, aquilo era praticamente como uma ordem até de Brasília. Tinha, claro, o aceite do reitor, que poderia dizer não, mas vinha com uma ordem: “ah, então tá, nós vamos criar em Ouro Branco, nós vamos criar um em Lafaiete, nós vamos

criar um em Congonhas, nós vamos criar...” Aquele tanto de campus, né, sendo criado de forma desordenada. O que, se você for ver, não é algo estratégico, né, é algo político, de força política. Se você for ver ali, a região de Ouro Preto ali, se a gente for pensar, você não criaria aquele tanto de campus tão pertinho um do outro, né. Mas aquilo foi uma força política também, não era só o Caio que queria, né, aquilo tinha uma pressão política ali também. Eu vejo, o grande desafio era esse, não tinha professor, não tinha expectativa de vaga de docente, você abria os cursos sem docente, com um, dois docentes, só com o diretor lá do campus, né. Aí começava a pegar contrato e aquilo, e sem estrutura, sem estrutura física, né. Então os campi começavam a funcionar em locais inapropriados, de maneira sucateada, né. E os cursos, os alunos dos primeiros cursos sofriam muito, né. Então isso é algo que me preocupava muito. Agora, se você pensar Ouro Preto, São João e Bambuí não sofreram tanto, até Congonhas, né, porque já era UNED. Formiga sofreu também porque a obra teve problema na obra. Então, assim, eu vejo como maior preocupação era falta de recursos humanos e falta de estrutura física pra começar, então não se tinha, começava às vezes com um prédio alugado, uma escola doada, e às vezes aquilo ficava lá no papel, como Ipatinga ficou no papel muito tempo. A pressão, tinha um prédio doado lá e que o prédio acabava sendo sucateado porque não finalizava a obra, não finalizava, aí o pessoal roubava e vários problemas que aconteciam com isso, né. Então, eu acho que os maiores desafios eram esses, apesar dos Institutos, né, vamos dizer assim, terem lá a digital da gestão daquela época, era do PT, eles não tratavam financeiramente os Institutos igual a Universidade. As Universidades recebiam muito mais recursos que os Institutos e até hoje, né, então, assim, enquanto uma Universidade gastava pra construir um departamento, é, departamento, a gente gastava pra construir o campus. Então, era algo absurdo a distância financeira. Então, eu vejo que o PT, assim, é, pecou muito com a gente nesse sentido, né. Não era dado, apesar do filho ser deles, né, eles não cuidavam do filho com tanto carinho, como o filho adotivo. Que não é criar as coisas assim, como a Universidade... Então, talvez essas duas, o problema de estrutura e Recursos Humanos, que eram o maior desafio no início, né. E a pressão era grande, né. Tínhamos uma energia, tínhamos um espírito, assim, nossa, a gente era muito empolgado! A gente tinha um sangue nos olhos naquela época, assim, daquela oportunidade de ver alguma coisa nova que poderia mudar o país e que muitas vezes muda a história de muitos alunos, de muitas regiões, a gente via um desafio, mas com sangue nos olhos. E não era só eu, né, como um todo ali, as pessoas queriam realmente fazer uma diferença.

Tivemos falhas, muitas, né, muitas falhas, muitos erros, né. Uns pequenos, outros grandes, né, mas queríamos fazer acontecer.

Denis Pereira Tavares: Neimar, pra você que tava no CEFET, né, em Bambuí na época, como que essa notícia de criação do IF chegou no local, Bambuí? E quais foram as percepções desse local a respeito da criação desse projeto IFMG?

Neimar Freitas Duarte: Ah, primeiro, né, ótima pergunta essa porque até me faz pensar um pouco mais agora, assim, mas, assim, eu me lembro que no início a gente, era notícia que chegava sem muita clareza o que era, então a gente ficava muito perdido. Cada hora chegava uma informação, as informações não eram oficiais, né, e a gente ficava com muito medo de tudo, do que poderia ser, poderia acontecer. Principalmente, a gente caiu numa desilusão porque a gente assumiu uma gestão, depois de um ano, a gente assumiu uma gestão que a gente tava criando e fazendo tantas coisas, de repente falamos assim: “pô, nós vamos perder essa autonomia”. E, de uma certa forma, foi, né, porque a autonomia passaria pelo reitor. A gente tinha autonomia pra decidir o que fazer com aquele dinheiro, investir e tal, então aquilo ali, pra gente, foi um pouco um banho de água fria, né, pra gestão. Mas pra instituição, eu acho que Bambuí ganhou muito. E teve uma gestão, né, do Flávio, que como nesse início teve muito dinheiro e os campi muitas vezes não aproveitavam o dinheiro, Bambuí, por exemplo, pegou muito dinheiro. Bambuí **dobrou** a sua infraestrutura depois do Instituto, então o que Bambuí tinha há 40 anos, vamos dizer assim, em 5 ela dobrou a sua infraestrutura. A infraestrutura física, né, e talvez até de aluno também. Criou muito mais cursos, né, então, isso foi muito importante. Mas as pessoas que não estavam na gestão ficavam muito perdidas, com muito medo também do que seria aquilo, né. Pra outras foi muito bom. O que acontecia? Por exemplo, Bambuí, na época, né, hoje as pessoas que estão aqui se enraizaram, vamos dizer, criaram raízes, a família mora aqui, mas na época era o seguinte, de uma galera de 70, 50, queriam ir embora daqui, entendeu? Todo mundo queria remoção daqui. Então, quando a população conheceu o Instituto Minas Gerais, “pô, vou poder ir pra Belo Horizonte, vou poder ir pra Ouro Preto, vou poder ir pra Formiga, vou poder ir pra outro campus”, entendeu? Isso foi também, pra alguns isso foi muito interessante, né. Mas a coisa, é claro que não ocorreu dessa forma, né, teve uma saída enorme de gente, né, até pra outros Institutos daquela época. Vamos dizer

que a metade das pessoas saíram, né, que entraram junto comigo, mais da metade, né, de 70 devem ter ficado uns 20 ou uns 30, né. Então era muito medo, muita insegurança devido às informações não virem de forma oficial, né, então a gente tinha muito medo do que poderia ser o futuro da gente.

Douglas Biagio Puglia: Ô, Neimar, aproveitando o gancho aí que você falou, né, das pessoas que chegaram com você, eu não sei se você chegou a acompanhar, mas com certeza você viu dois momentos que Bambuí se transformou em CEFET em 2002 e depois, né, no finalzinho de 2008, ele passou a ser Instituto Federal. Consegue fazer um balanço desses dois momentos e desses dois projetos, essas duas mudanças aí em Bambuí?

Neimar Freitas Duarte: É, sim. Ainda CEFET, Douglas, talvez pela gestão que tinha aqui, porque as pessoas que estavam aqui, né, quando eu cheguei, eram gestores que vieram de Escola Técnica, então pra eles, aqui não tinha pesquisa nenhuma, extensão nenhuma também, então tinha ainda os cursos técnicos que eram os mais fortes e hoje ainda, mas eram os cursos técnicos e alguns tecnológicos. Você tinha uma diretora de ensino na época que era muito ousada também, muito ousada, e a ousadia dela foi muito positiva pra Bambuí, apesar das nossas diferenças políticas, entendeu? Ela foi muito ousada e a ousadia dela trouxe muito curso, que conseguiu esse tanto de vaga de docente quando nós entramos aqui. E aí aquilo foi, vamos dizer assim, uma ampliação enorme pra Bambuí, né, aquele tanto de curso sendo criado. Não tinha estrutura, tanto que quando eu cheguei aqui, eu ficava sentado no banquinho mesmo da praça, vamos dizer assim, uma área assim embaixo da árvore que não tinha lugar eu ficar. Mas, assim, eles foram criando os cursos, né, com muita ousadia e acabou depois as coisas acontecendo. Mas eu vejo que a infraestrutura o CEFET não conseguia criar, dar condições pros cursos funcionarem, né. Com o Instituto sim, isso expandiu demais, então se criou umas condições físicas pros cursos acontecerem fantásticas, né, de laboratórios, tudo mais, de vagas de docentes. Eu acho que Bambuí, né, se não tivesse virado Instituto, a gente ia passar dificuldade na questão de Recursos Humanos, de docentes, de técnicos também, então isso ampliou muito as possibilidades que a gente ia ter. E a gente imaginava uns 80 docentes, hoje Bambuí tem 150, né, então isso ampliou demais. Então, eu acho, eu vejo que, com a virada de Instituto contribuiu muito pro

Campus Bambuí, principalmente a questão de pesquisa, pós-graduação, né, hoje se tem o mestrado aqui, né. Então isso ampliou, contribuiu muito pro campus. Eu acho que a virada pra Instituto só foi benefício, praticamente pra Bambuí, pro campus Bambuí.

Denis Pereira Tavares: Neimar, outra questão, nessa passagem institucional aí de CEFET pra IFMG, você sabe nos dizer, assim, do ponto de vista, por exemplo, da gestão, o que permaneceu assim bem parecido, né, ou quase inalterado, do ponto de vista da gestão, nessa transformação institucional? E o que mudou radicalmente entre uma instituição e outra?

Neimar Freitas Duarte: Eu acho que a mudança, algumas coisas começaram a acontecer já quando CEFET, né. Mas, eu acho que a questão da pesquisa, né, foi muito forte, hoje o campus Bambuí talvez seja o campus mais avançado na questão da pesquisa, isso foi uma mudança eu acho que radical quase, né. A questão de algumas visões que o campus tinha da obrigatoriedade, né, e eu cumpria isso muito à risca, de permanecer no campus, de cumprir as 40 horas no campus contadinho ali. Hoje isso tem uma flexibilidade muito maior, né. Então, isso era muito radical de você estar ali e, assim, isso não quer dizer qualidade de ensino nem de nada, né, você estar ali as 40 horas. Então, foram mudanças radicais, eu acho que foram benéficas, né. É, a mudança que eu acho que não foi tão benéfica, porque eu falei que Bambuí hoje tá conseguindo alcançar o equilíbrio, é de perder a questão da prática, né, do ensino prático do aluno, o aluno ir no campo, o aluno da área de alimentos ir lá na indústria e fazer, do aluno lá de biologia, de ter experiência no laboratório, de ter experiência de dar aula... Então, assim, eu vejo que essa questão prática, eu acho que ela perdeu-se um pouco, porque é algo negativo que eu vejo hoje. Então, assim, algumas pessoas ganharam um ar de Universidade erroneamente, né, de achar que tava em uma Universidade, sendo que o papel do Instituto não é esse, não é o mesmo papel da Universidade. Então, algumas coisas sim, outras não. Então, assim, eu acho que se perdeu nesse sentido, sabe? Desse olhar simples que tinha aqui anteriormente, né, de formar, da formação do aluno, eu acho que era mais simples, e eu acho que isso era benéfico, se perdeu. É, mas se ganhou muitas coisas como eu falei: estrutura, ganhou a pesquisa. Então, teve algumas mudanças radicais com o Instituto que eu acho que foi essa. E essa questão, de uma certa forma, da autonomia. Então, né, a autonomia... Porque tinha, vamos dizer assim,

poderia fazer com o recurso, né, era gerido aqui, e hoje o recurso é gerido na Reitoria, né.

Douglas Biagio Puglia: Neimar, é, você meio que já perpassou sobre essa questão, você comentou acima quando a gente falava da votação do IFMG, só que eu gostaria, até se você pudesse falar um pouco mais sobre isso, porque é um ponto muito importante e interessante pra gente, afinal de contas passa um pouco pela identidade da nossa instituição, que é o seguinte, a base da fundação do IFMG vem de três locais completamente diferentes, né, você tem diferentes, inclusive diferenças geográficas, regionais, questão social e tudo mais, que aí você pega Ouro Preto, uma região um pouco mais central; aqui em São João, já meio leste, né, leste um pouco pro norte ali de Minas Gerais; e também Bambuí, que já é um pouco centro-oeste. Então, por que realidades locais tão diferentes, e aí uma escola que era industrial, aí tudo bem, duas mais pro lado agrícola, porém dois CEFETs e uma Escola Técnica, enfim, com tantas diferenças e com tantas coisas complexas, né, a distância entre elas, como chegou pra esses três lugares fundar o IFMG? Por que essas realidades tão ímpares, elas acabam confluindo pra fundação do IFMG?

Neimar Freitas Duarte: É, eu acho que, não vou descartar que, de uma certa forma, foi meio que o acaso, né, porque, assim, pra Bambuí, por exemplo, a gente ficou num mato sem cachorro, né. Podem até achar que não, mas pra mim, na época, foi muito claro, nós ficamos. Pra você ter ideia, Douglas, ventilamos a possibilidade de a gente ser um campus do CEFET-MG, tal a situação que Bambuí ficou. Então, assim, a nossa saída foi pedir arrego mesmo pra Ouro Preto, pedir ao Instituto Federal Minas Gerais pra acolher a gente lá. Por um vacilo e talvez até uma arrogância nossa também, na época, da gestão, né, de não ter pensado um pouco melhor naquela reunião em Brasília, que tava eu, Washington e o Oiti, de falar assim: “não, peraí, não vamo tirar Ouro Preto não, melhor caminho pra gente é...”. Fomos muito inocentes, sabe? Porque o que aconteceu? O Sul de Minas juntou e queria uma Reitoria em Pouso Alegre, e aí quem ficou na mão? São João e Bambuí. Nós fomos extremamente inocentes em confiar que eles iriam, né, achar um meio de campo ali pra que todo mundo estivesse no mesmo lugar ali. E acabou a gente pedindo arrego. Foi difícil no início, né? Exatamente o que você falou, **muitas** diferenças, então cada um tinha o seu sistema acadêmico, cada um tinha um

horário de aula, cada um tinha uma grade, a realidade de campus agrícola era totalmente diferente, né, de Ouro Preto, assim, que era um campus, vamos dizer assim, industrial. Então, assim, foram muitos embates, muitos embates. Muitas vezes, Ouro Preto queria colocar o jeito que era lá. Então, o bom é que a gestão lá também era nova, né, o Caio, então eles também tinham muita coisa lá do próprio campus que eles discordavam. Por exemplo, senão eles vinham com o sistema acadêmico deles, então, assim, muitas coisas eles não tinham, como era a pesquisa e a pós-graduação, então eles tiveram que aprender com os outros campi, né. Então, assim, mas tem arestas que até hoje tem que ser aparadas, por exemplo, você tem um curso de engenharia de produção em três lugares do Instituto, três campi, que têm três projetos pedagógicos diferentes, totalmente diferentes. Eu falo assim, que se o aluno quiser, é mais fácil o aluno sair do Instituto, do IFMG, e ir pra UFMG, pra Universidade, que ir pra um campus nosso próprio, entendeu? Sair daqui de Bambuí e ir pra Congonhas, por exemplo, porque é totalmente diferente um curso do outro. Então, você vê assim que não tem, não teve um acordo, uma confluência para algumas coisas, assim, teve que ter um, vamos dizer, assim, uma... vamos dizer assim, né, um quebrantamento aí, se ajeitar, mas pra outras, não foram fáceis. Eu vejo, talvez, eu acho que o Instituto até hoje não tem uma identidade, ele é um, eu não vou colocar que ele é um Frankenstein, não [risos], mas, assim, você tem um olho verde, um olho castanho, e a gente não consegue criar forma entendeu? A gente não consegue criar forma. Assim, eu fico triste porque, assim, não tô querendo dizer que, assim: “ah, agora todo mundo é igual, todo mundo é assim”. Eu não acho não, mas, por exemplo, você vê agora na pandemia muito isso, né, Ponte Nova foi lá pra frente, começou suas aulas sem perguntar ou não, à distância, lá em mar... lá em abril. Betim a mesma coisa. As nossas aulas começaram em setembro, Santa Luzia. Então você vê assim, pô, que troço é esse, essa instituição? O campus lá começa a aula lá, retoma a aula na pandemia lá em abril, o outro começa em maio, o outro começa em julho, o outro começa em setembro. Tem campus aí que se bobeasse nunca tinha começado, retornado, entendeu? Então, assim, é uma coisa muito... eu acho que a gente tem que valorizar essa diferença, né, a gente aproveitar pra que as diferenças elas possam ser riquezas, né, e não desunião. A gente precisa de uma unidade, acho que a gente não alcançou essa unidade ainda, eu acho que a gente é muito... E o problema é uma perna puxando pra um lado e outra perna puxando pro outro, a gente não anda. Então, eu vejo que acontece um pouco isso no Instituto. Aconteceu no início, e eu acho que o Caio acertou de uma forma de tentar centralizar isso, de acertar esse passo. E o

Kleber já jogou pro outro lado exageradamente, deu autonomia aos campi, exagerado que cada um faz do seu jeito. Pra você ter ideia, tem campus que cria sua bolsa, o valor que ele quer, ele cria uma bolsa lá, bolsa pra professor, pesquisador, e paga o professor! Totalmente ilegal. Se bater fiscalização, vai preso. E acontece isso, entendeu? Então, assim, aconteceu isso, o Pablo sabe, então, tem essas nuances que eu vejo o seguinte, tem as suas características cada campus, a gente tem que pegar o que é valoroso, mas algumas coisas têm que mudar pra gente ter um corpo, pra gente ter uma cara, pra gente identificar o Instituto, como ele atua no ensino, como ele atua na pesquisa, como ele atua na extensão, e tem algumas coisas que um campus vai ser diferente do outro, por causa da cultura, por causa do local, mas algumas coisas eu acho que têm que ser unificado. E até hoje, pra maioria das coisas, a gente não conseguiu ainda, né, não são pra todas, pra algumas a gente conseguiu com muita luta, os editais são todos parecidos, né, as bolsas são o mesmo valor, são o mesmo tipo de bolsa, né, então, o ensino também, a extensão também... Teve seus avanços, conseguindo, mas algumas coisas ainda a gente precisa tentar ser um corpo, ser um corpo, né. Cada um vai ter uma identidade um pouco diferente, mas alguma coisa tem que ter um traço parecido aí.

Denis Pereira Tavares: Neimar...

Neimar Freitas Duarte: Ô Douglas, eu não sei se eu fui no ponto que você queria.

Douglas Biagio Puglia: Sim, sim.

Neimar Freitas Duarte: Mais alguma coisa em relação a isso?

Douglas Biagio Puglia: Não, é isso mesmo. Foi, sim, essa questão das diferenças regionais e o porquê se juntaram. É sempre muito, isso é muito curioso, sempre muito bacana ouvir falar.

Denis Pereira Tavares: Neimar, pegando ainda essa questão da identidade que você falou aí, eu queria ainda voltar pra esse momento inaugural e saber um pouco da identidade lá no campus, lá em Bambuí. Aí eu queria saber como que o campus Bambuí, ele trabalhou essa mudança institucional que é a integração, né, de um modo mais geral, ao IFMG, e, ao mesmo tempo, como esse campus Bambuí, ele manteve a sua especificidade, questões que eram de lá e permaneceram como sendo a marca mesmo, a característica de lá?

Douglas Biagio Puglia: Neimar, antes de você responder, rapidinho, só fazer um complemento, porque você falou, né, de você, você falou do Washington, você falou, salvo engano, do Oiti, que foram participar nesse primeiro momento da Reitoria. O que vocês levaram de Bambuí pra Reitoria? Um complemento a essa pergunta também.

Neimar Freitas Duarte: Então, primeiro, assim, Denis, como eu não estava... Quando eu fui pra Reitoria, eu tive uma, vamos dizer assim, uma experiência, assim, de vivência aqui, na época, não foi tão grande na hora que transformou em Instituto, mas, claro que teve uma grande dificuldade, uma grande rejeição. Porque as coisas, toda mudança a gente tem medo, a gente tem dificuldade, então quando veio essas mudanças, né, principalmente, assim... E isso não foi, é, praticamente todos os campus viveram isso, que era o quê? Colocar a culpa na Reitoria. Então, se uma coisa dava certo, quem fez era o diretor. Quando uma coisa dava errado, era a Reitoria, era o reitor e tudo mais. “Ah, não chegou dinheiro, ah, o problema era a reitoria”. Então, assim, isso era algo comum, né, então, e até hoje acontece isso daí... Então, assim, na hora de mudar, por exemplo, o sistema acadêmico, o Conecta e tal, o Conecta foi algo que teve que fazer um trabalho humano mesmo, um trabalho de preparação muito grande. Nossa, o Conecta, pra colocar no sistema acadêmico foi um preparo emocional pra galera acolher, muito grande, que teve, nossa, uma dificuldade enorme. Mas, outras coisas nós acabamos levando pro Instituto, como o Douglas falou. Então, por exemplo, uma coisa bacana que o Oiti levou, que é a questão do orçamento ser pouco participativo, né, que eu acho que não é ainda como a gente queria, que não é o diretor só que decide, você lá dentro às vezes na sua área, você decide o que vai comprar, você tem um tanto de dinheiro lá pra comprar. Isso a gente levou lá, que é o Sisplan, né, que depois se deu nome de, até do Sistema lá de Planejamento. De uma certa forma foi daqui os

regimentos de curso, porque muitos cursos não tinham regimentos, não tinha regulamento do curso, então, organizar isso no Instituto como um todo. Muitos cursos criados só com uma matriz. E isso quando nós assumimos a gestão também, Bambuí era assim, então foi, teve uma época da entrega dos planos pedagógicos de cada curso, então foi, teve lá um momento que o Washington criou, da entrega de todos. Então, algumas regras, que não se podia criar curso sem um projeto pedagógico. Hoje já tá fazendo... tá podendo criar sem projeto pedagógico, isso é preocupante [risos], mas é... Então, foram coisas assim que eu vejo que a gente levou, né, pra Reitoria e que foi bacana. A própria questão de bolsa de iniciação científica que a gente precisava do orçamento e isso nós levamos pra Reitoria. A Reitoria começou a tirar também. Então, foram coisas interessantes assim que nós levamos pra lá, mas que também, a comunidade aqui também tinha muita incerteza, muito medo de muita coisa que vinha e que não se aceitava. Mas, outras coisas continuou sendo igual, não mudou tanto e daí acabou ficando, vamos dizer assim, na mesma, praticamente. Uma coisa assim que a galera não gostava eram as decisões, né, de vir da Reitoria, tinha muita reunião na Reitoria no início, muita reunião, aquela locomoção de gente. A gente tinha ali, a Reitoria era um movimento no início, gente de tudo quanto é campus, o tempo todo, né. E que isso acabou indo mais pros campi agora, mas, sei que na criação do Instituto foi bacana isso, bancada, regulamento, comissão que era criada pra isso, pra aquilo, e que de algumas pessoas não via com bons olhos isso no campus, né. A questão da autonomia que se perdeu também, né? Então é isso, pra não prolongar muito [risos].

Douglas Biagio Puglia: Não, mas pode ficar à vontade, sem problema. Neimar, salvo engano, num primeiro momento, bem no iniciozinho do IFMG, a reitoria funcionou em Ouro Preto antes dela ser efetivamente lá em Belo Horizonte, aí eu queria saber como é que foi esse momento e como é que foi esse trabalho lá em Ouro Preto, quanto tempo foi, inclusive, que durou essa situação?

Neimar Freitas Duarte: É, Douglas, foi quase um ano lá, em Ouro Preto. Assim, teve um mal estar sim em Ouro Preto, exatamente por causa daquele início, de Ouro Preto querer capitanear tudo, dirigir tudo. Mas, então, inicialmente ir pra Ouro Preto, e a Reitoria, né, era pra ser em Belo Horizonte, isso causou um certo desconforto, principalmente nos gestores de cada campus, né, não viam isso com bons olhos e tal.

Mas, no final, acabou que nós fomos recebidos em Ouro Preto, né, nós fomos muito bem recebidos lá, arranjaram sala pra gente, mesa pra gente, né, computador, então acabou a gente sendo muito bem acolhido lá em Ouro Preto, e contornando isso. Então, por exemplo, eu ficava assim em torno de 4 dias lá em Ouro Preto, 3 dias eu pegava pra voltar. A gente ficava em hotel. Por um lado era até gostoso, né, Ouro Preto é um lugar muito gostoso, muito agradável. A gente saía ali à noite pra jantar, pra tomar uma ali nos restaurantes, e tinha gente de São João, tinha gente lá de Ouro, de Bambuí, tinha nós essa turma, alguns de Formiga. Então, era gostoso ali, cê saía à noite ali, às vezes junto, tá no mesmo hotel junto, tal. Era agradável. E então, eu particularmente não tenho nada assim muito a reclamar dali, não. Acho que nós fomos muito bem acolhidos no que pôde. Nós não tínhamos muito Recursos Humanos, era só, vamos dizer, gestores mesmo trabalhando. A gente não, vamos dizer assim, hierarquicamente, não tinha ninguém que nos ajudasse, então a gente fazia tudo. Então, desde escrever um memorando, fazer tudo, era a gente mesmo. Quem tava na gestão, tanto pró-reitor, tinha que pegar e fazer, não tinha alguém pra fazer pra você não, era tudo a gente mesmo ali no início, até porque os servidores de Ouro Preto tavam lá responsável pelo campus, apesar que eles nos ajudaram muito ali, né, nesse início. Mas, foi, eu achei agradável, não tenho nada a reclamar. Assim, a compra do prédio da Reitoria, né, foi uma compra muito exitosa, assim, eu digo assim, financeiramente o prédio valia umas 5 vezes o que foi pago, então foi uma compra... Pro início, o prédio nos atendeu super bem. Hoje o prédio não atende mais, o prédio é muito complicado ali o prédio. Alguns, né, tava na época, né, coisa, fofoca [risos], então, assim, de que ali foi por causa da facilidade pra sair pra Ouro Preto. Então, assim, mas eu não acredito que tenha sido não, devido à compra realmente ter sido uma compra muito exitosa. Assim, então, era um prédio... É um prédio bonito pra época, porque foi um dos primeiros Institutos que teve uma Reitoria, porque as Reitorias funcionavam, né, nos antigos CEFETs, então aquele prédio foi um impacto. Os reitores vieram pra inauguração da Reitoria, veio muita gente do MEC na época, na inauguração da Reitoria, que foi um impacto aquele prédio, né, pros Institutos. Então, aí o que que aconteceu? As reitorias funcionavam dentro dos campi. Dos antigos CEFETs, e isso começou a trazer problemas pra muitos. E o Instituto Federal Minas Gerais foi o primeiro que a reitoria foi fora, e aquilo pra gente foi muito bom, entendeu? E todos os outros Institutos hoje fazem isso, tem sua reitoria fora do campus, por questão que você acaba prestigiando aquele campus que você tá ali, querendo ou não, ou criando confusão, o reitor quer uma coisa e o diretor do campus

quer outra... Então, e nós fomos realmente, assim, beneficiados com isso, esse prédio, fomos os primeiros no Brasil que o prédio, a Reitoria ficou fora. Tem seus problemas quanto a isso, que você fica muito distante da realidade acadêmica, mas tem seu lado positivo também que todo mundo encaminhou igual ao Instituto Federal Minas Gerais. Acho que praticamente todos os Institutos têm sua Reitoria fora do campus.

Denis Pereira Tavares: Neimar, aproveitando que você tocou nesse assunto aí da Reitoria, a gente então tem formando o IFMG, como a gente já disse, né, três escolas, assim, com realidades geográficas completamente diferentes, num território enorme que é o de Minas Gerais, e aí, no caso, a Reitoria, ela agora tá em Belo Horizonte, no centro. Você sabe dizer para a gente, assim, como que se deu essa oportunidade da Reitoria e como que foi também essa mudança dos trabalhos de Ouro Preto, no caso, pra lá, pra Belo Horizonte?

Neimar Freitas Duarte: A Reitoria, a escolha, assim, em Belo Horizonte, foi uma determinação de Brasília mesmo. Cada Instituto que a sua Reitoria ficasse na capital teria o nome do Estado, né, então, por exemplo, Instituto Federal Minas Gerais, como fica na capital, então, por isso ele tem o nome do Estado, né. Então meio que o Haddad, na época, gestão, ele sempre falava: “tem que ter uma Reitoria na capital mesmo que o CEFET não queira, CEFET/Minas não queira, tem que ter uma Reitoria na capital”. O que também contribuiu muito pra Ouro Preto conseguir, né, aprovar o seu projeto de criação de Instituto. Então, um dos motivos era esse. Bem, aí esse prédio, né, foi uma negociação na época, um assessor do reitor, do professor Caio, que era o Josiler [Magno de Macêdo Reis], um advogado, né, que participou da negociação da compra desse prédio, e a escolha foi oportunidade, que o prédio tinha um preço bom. Na época, né, tinha a possibilidade de você pegar outros prédios que eram do governo, mas já tavam praticamente todos tomados, por exemplo, a Universidade, Faculdade de Farmácia que era da UFMG, que era ali na Contorno, que era um prédio, mas já tava negociado, pela Receita, então, sim, tinha essas possibilidades. Então, assim, a gente tava em Ouro Preto, né, pra gente, não fazia muita diferença, pra quem era de fora, sair de Ouro Preto pra ir pra Belo Horizonte. Então, era só a gente, era praticamente o pró-reitor, um diretor e um coordenador, não tinha ninguém com a gente. Na hora que chegou na Reitoria, era vazio, as salas todas vazias. Você escolhia a sala que você queria ficar ali,

you could even lie down there in the room [laughs]. After, a little while, we started having contests, people coming, people coming, to the point that was this. Then, for people, at the beginning, it was very good that that building, it was a building, for people, fantastic. It had a garage, everything, it could fit the car of everyone, né, in the building. Each one had their room, then it was something very good and that, in a little time this was changing then, due really to the reality of increasing so fast, the growth of the Institute so fast. But, like that, there was a path, né, that took some things, there were purchases of furniture... It was very accurate the purchase of the furniture at the beginning of the Institute, the same furniture that was sold for people was sold for various Institutes in Brazil. Then, but it was... Like that, in the era, I participated in this change and it was very calm. Like that, I didn't see anything so different that it was worth reporting, I think it was very calm, né, for everyone, because people were already in Ouro Preto and went there. For the staff of Ouro Preto it was a little unpleasant, some stayed still in Ouro Preto, Reitoria, and after also many rented an apartment there and went to Belo Horizonte.

Douglas Biagio Puglia: Não, bacana...

Neimar Freitas Duarte: Era isso mesmo?

Douglas Biagio Puglia: Sim!

Denis Pereira Tavares: Não, tranquilo aí. Isso mesmo.

Douglas Biagio Puglia: Ô Neimar, levando em conta aí que você acompanhou desde o tempo CEFET, lá em Bambuí, depois IFMG, o que mudou em relação à disponibilidade de recursos financeiro, pessoal ou material, qual foi a mudança nesse sentido que você percebeu aí da época de CEFET pra hoje no IFMG?

Neimar Freitas Duarte: Olha, Douglas, eu posso dividir três momentos aí. Então, você tem um primeiro momento, o CEFET com muita dificuldade financeira, tá?

Principalmente, Fernando Henrique, com o Lula um pouco melhor, né? Depois você tem o Instituto com muito recurso de crescimento. É claro que tava tendo um crescimento muito rápido, então, você não via tanto recurso assim sobrando. Mas, assim, tinha que construir, tinha que comprar, então, assim, muita obra, muitos outros campi, né. Mas que você tinha dinheiro, por exemplo, tinha dinheiro para pesquisa, a gente tinha dinheiro pra colocar em projetos de pesquisa. E depois você tem uma quebra também aí agora nesses últimos aí 4 anos, uma queda fortíssima aí também nesse recurso, em evento, recurso pra fazer evento. Você tinha facilidade nessas agências de fomento, acesso às agências de fomento pra gente foi muito maior, um período aí dos 4 anos pra trás, né. Então, por exemplo, projetos atrasados em agência de fomento, né, eu acho que aprovei uns 4, coisa que no CEFET eu não aprovei, depois eu aprovei e hoje eu não aprovo mais também, entendeu? Então foi uma subida e uma caída muito clara. Então, passou uma fase de recessão, veio uma fase com maior disponibilidade de recursos, apesar que esse recurso acaba sendo muito dividido também, como eu falei, porque você tem muitas unidades sendo criadas ao mesmo tempo. Mas depois você passa, entra uma fase agora de recessão muito grande, né.

Denis Pereira Tavares: Ô Neymar, nesse momento do IFMG, né, ainda ali na criação e tal, como que você percebe, é, como eram tratadas essas questões, assim, como criação e expansão de campus, construção de prédios, laboratórios, enfim, essas grandes empreitadas assim no IFMG, como que eram tratadas essas questões?

Neymar Freitas Duarte: Ó, Denis, o seguinte, eu vejo, na época, você tem dois momentos claros aí. Um momento que foi com o professor Caio, bem político, bem político. Então, você via lá prefeito, Reitoria era... toda semana tinha no mínimo um prefeito e um deputado lá querendo abrir campus. Eu, particularmente, me assustava um pouco com isso, com essa abertura exagerada de campus, e eu sei que muita gente também assustava, assim, com essa expansão. Não é problema ser expansão, o problema é a expansão ser muito rápida. Hoje a gente vê até que teve um ponto benéfico nisso. E você tem o momento do Kleber com mais pé no chão com relação a isso, né, e também de preocupar em dar condições pra que o campus funcione, então eu vejo que o Kleber atuou muito nisso, né. Então, você teve um Reitor que criou e outro que deu condições para que funcionasse. Assim, eu, particularmente, tinha muito receio disso e

preocupação com isso, até exatamente de faltar dinheiro, faltar dinheiro, não conseguir finalizar. Eu acho que os problemas, a gente tem um problema burocrático do país, né, que não é só a gente que enfrenta, que é muito complicado, é, essa questão de licitação e tudo mais. Eu acho que na gestão anterior se pecou muito na condução das obras. Então, as obras eram muito morosas, muito problema, e, assim, as empreiteiras, elas usam uma estratégia de jogar o preço lá embaixo, depois elas vão pedindo aditivos porque aquele preço ela não consegue cumprir naquele valor, e a gestão acabava entrando nessa, fazendo esses aditivos e às vezes não tinha mais dinheiro, não tinha mais aditivo e a obra não terminava nunca. Você vê Itatiba que teve problema, você vê Valadares, nem tanto, mas você vê Sabará, você vê tantas outras aí que tiveram problema com relação a isso... E outras obras até de campus, né, então, você ter um gestor e um acompanhamento de obras é um grande diferencial, que foi aqui em Bambuí. O gestor, na época aqui, ele acompanhava as obras e as obras saíam dentro do prazo, né. E que foi um benefício pro campus. Então, assim, era, foi um problema aí isso, essa condução de obras, obras muito lentas, obras que tiveram problema, como Formiga que a empresa deveria ser processada e tudo mais. Nem sei o que se deu nisso. Então, assim, perdas de dinheiro, de milhões até, com essa obra. Por exemplo, então, assim, você tem casos e casos aí. Eu acho que faltou no início esse cuidado no acompanhamento de obras, que era muita obra sendo feita ao mesmo tempo. E obras em lugares diferentes, né. Então pra você gerir isso não era fácil, então, o pessoal lá das obras, da Reitoria, viajava o tempo todo, ficava só viajando. E que era um gasto, né, porque era diária, era carro, era aquilo... Então, assim, um momento difícil, mas que acabou conseguindo muita coisa. Eu vejo que a condução em relação às obras nesse sentido, né, essa gestão conseguiu muito melhor que a outra. Talvez por ter menos obra, não sei, mas, assim, eu vejo que teve mais êxito de infraestrutura nesse sentido. Eu não tô querendo ficar comparando uma gestão à outra não, sabe? Até pra falar o histórico mesmo, tá, gente? Não é com interesse de... porque teve pontos positivos numa gestão, na outra, e eu tenho críticas tanto a uma quanto a outra. A mesma que eu participei, eu participei de todas as duas, então eu tenho críticas a mim e aos gestores também. Eu sei que eu fui falho e...

Douglas Biagio Puglia: Não, mas, Neimar, pode ficar tranquilo, tá ótimo. E é o que você falou mesmo, né, você participou das duas, tá fazendo uma análise das duas e até o presente momento só tivemos duas, então, às vezes, é até um pouco inevitável passar...

Neimar Freitas Duarte: Uhum.

Douglas Biagio Puglia: ...por isso. Continuando, falando de uma outra gestão que você participou, porém, é que no depoimento do professor Flávio Godinho, ele falou que durante a gestão dele no CEFET/Bambuí houve uma grande mudança administrativa e organizacional por lá. Queria saber o seguinte, se você fazia parte do grupo que ajudou a implementar essas mudanças e o que foram essas mudanças que ele citou?

Neimar Freitas Duarte: É, teve muitas mudanças mesmo, assim, primeiro, igual você tem... Nós ganhamos a eleição, nós estávamos junto com o Flávio, né, e principalmente esse grupo inicial que deu a ele, vamos dizer assim, fôlego pra ir pra eleição. Então tava eu, Washington, Robson, Alexandre, o próprio Flávio, o Áureo, que era o grupo ali mais duro ali que estavam com ele. Vencemos a eleição e assumimos a gestão. Era um grupo muito bom, realmente, era um grupo diferenciado. Talvez por causa disso, como eu disse, né, a gente entra com sangue nos olhos, a gente quer fazer, a gente tem aquele espírito, aquela vontade enorme. E a gente... Tínhamos reuniões que a gente gritava, dava soco na mesa, apontava o dedo pra um, pra outro, mas saíamos dali e íamos pro bar beber, entendeu? A gente saía dali, ficou ali, e a gente tinha uma harmonia muito grande, vamos dizer assim, porque a gente brigava, colocava o que a gente concordava ou não, mas aquilo ficava ali, que não era nada pessoal, e nós não levávamos nada pro lado pessoal, sabíamos que cada um ali tava na tentativa de acertar. E, por isso, eu acho que a gente fez muita coisa boa. Então, por exemplo, concurso, nós mudamos todo o formato de concurso. Tinha muito concurso enviesado, né, a gente chamava uma banca totalmente de fora que não conhecia a gente. Então, houve uma mudança completa em concurso. Houve uma mudança muito grande na gestão, no planejamento, na questão do orçamento do recurso, tentando ser um pouco mais participativo, o recurso mais distribuído, né. O próprio ensino, como eu falei, não tinha projeto pedagógico de quase nenhum curso, você tinha uma matriz e pronto. E a matriz ia mudando, e era aquela complicação, né. Então, isso foi um auge, de todos os cursos terem projetos pedagógicos, organização nisso. Então, implementou um sistema acadêmico lá, temporário, né. Antes mesmo de ter esse nome de atividade docente, nós criamos um

sistema lá também pra não cobrar exatamente essa presença diária, mas cobrar a produção do professor. Então, o que a gente, nós criamos até um sistema de computador, né, um softwarezinho que a pessoa fazia via software, era mais simples. Então, tinham muitos encargos lá, até muito maior que hoje, vários encargos que o professor tinha, você punha lá, marcava com X, não tinha que ficar com aquele processo todo que hoje tem. Era mais simples nesse software, então, assim, várias... A extensão, a relação com a empresa, então a gente começou a se aproximar dos empresários, os produtores de Bambuí, fazíamos café com empresários, café com produtores, então, tudo isso a gente tentando se aproximar da comunidade. Teve, claro que a gestão anterior também tinha proximidade com a comunidade, mas nós estávamos tentando isso muito mais pra poder beneficiar a cidade. Então, a questão da condução de obras, a gente tinha [inaudível 01:40:01] um vice-diretor, que era o Lauro, era um cara, assim, extremamente arrojado. Então, por exemplo, todo esgoto da escola, nós tratamos todo o esgoto da escola. A reserva, toda a questão ambiental, foi com a gestão, em pouco tempo foi colocada em ordem. A questão acadêmica, de normas, de currículo, de diplomação. Maior organização na secretaria nesse sentido. E construção dos laboratórios. A infraestrutura que se criou na gestão foi muito forte. E aí, vou colocar minha parte, né, eu assumi a pesquisa, então, eu implantei, na época, o programa institucional de iniciação científica, o programa institucional de iniciação científica júnior, criação de pós-graduação, que foi nessa gestão do Flávio, a gente criou cursos de pós-graduação. Tínhamos cursos gratuitos, cursos pagos também na época, até pra gerar, poder gerar o curso. Então, eram coisas muito pequenas, irrisórias, né, então, criou-se aqui também, muito forte, grupos de estudos que chamam grupos de estudos. Então, você tem grupo de estudos da ovinocultura de corte, grupo de estudo de gado de leite, então, assim, isso os alunos é que criam, assim, foi motivado, na época, até muito o Oiti que ficou na frente disso e isso se espalhou no campus como um todo, é uma pegada muito forte do campus esses grupos de estudos, alunos promovem eventos, trazem palestrantes, eles mesmos que fazem. Até pra entrar no grupo de estudo, os próprios alunos fazem uma prova pros alunos entrarem no grupo de estudo e são conduzidos tudo por eles. Então, assim, eles foram... Muita coisa, nem lembro tudo, mas, assim, teve uma guinada muito forte, sabe? Muito forte mesmo. E era um grupo muito coeso, a gente queria muito acertar. Então, eu vejo até que uma das coisas que muda muito o campus é um concurso público. Até eu ouvi isso de um gestor muito bom e que a gente tentou fazer isso, que o concurso público colocasse pra dentro pessoas,

realmente que mereciam estar lá dentro, vamos dizer assim, capacitadas, que queiram somar pro campus. Então isso, é, tentou-se fazer. Isso com concurso público que é uma das coisas fortes que se fez. Então, foram bastante coisas, assim, a própria parte do orçamento e do ensino, houveram muitas mudanças nesse sentido aí.

Denis Pereira Tavares: Ô Neimar, como você mesmo falou...

Neimar Freitas Duarte: Só mais uma coisinha, só mais uma coisinha, Douglas, essa questão também que a gente mudou, a questão dos alunos, do trabalho dos alunos, sabe? Eu falei que eu acho que a gente pecou, mas, de uma certa forma, era um pouco desumano o tempo, o tanto que os alunos trabalhavam na época. Era obrigado a trabalhar, tido como estágio ou aula prática, então os alunos às vezes passavam mais horas, por exemplo, picando um frango, né, pra vender, do que entendendo algum processo, entendeu? Então, isso eu acabei... Mas eu acho que a gente foi muito radical nisso. Claro que a gente não acabou com isso tudo, mas eu acho que a gente demonizou isso demais e acabou tendo uma rejeição um pouco por isso. E os alunos queriam que isso acabasse. É por isso que eles votaram em massa na gente na época. Então... Mas, eu acho que a gente [interrupção na conexão 01:44:37]. Desculpa, Denis.

Denis Pereira Tavares: Não, tranquilo. Só a imagem que tá paralisada aqui...

Neimar Freitas Duarte: Vocês tão me ouvindo?

Denis Pereira Tavares: Mas tranquilo. Eu tô te ouvindo. É só a imagem mesmo que paralisou.

Neimar Freitas Duarte: Alô?

Denis Pereira Tavares: Sim, a gente tá ouvindo. Tá te ouvindo. Agora tá voltando.

Livia Azzi: É que talvez [inaudível 01:45:09].

Neimar Freitas Duarte: Eu que cá? Não sei, não tô ouvindo.

Denis Pereira Tavares: Não...

Douglas Biagio Puglia: Está nos ouvindo agora, Neimar?

Neimar Freitas Duarte: Eu também não tô ouvindo.

Denis Pereira Tavares: Tá ouvindo agora? Talvez um problema de conexão que rolou.

Livia Azzi: Parece que tá falhando lá pra ele. Daí ele não tá... Ele não tá...

Neimar Freitas Duarte: Acho que tá picando um pouco a minha aqui, talvez a minha internet que tá ruim. Então tá bom...

Douglas Biagio Puglia: Agora...

Neimar Freitas Duarte: Mas eu terminei, eu terminei. Se vocês quiserem...

Douglas Biagio Puglia: Não, o...

Neimar Freitas Duarte: (...) Fazer alguma outra pergunta.

Douglas Biagio Puglia: Te ouvir, a gente ouviu perfeitamente, tranquilo. Você tá nos ouvindo agora?

Denis Pereira Tavares: Você tá ouvindo a gente agora, Neimar? Posso te fazer uma pergunta?

Neimar Freitas Duarte: Tô, tô ouvindo agora. Agora eu tô.

Denis Pereira Tavares: Tá, tranquilo então. Continuando, você mesmo já tocou no assunto, né, e disse que muitas pessoas daí de Bambuí ou foram pra Reitoria, né, ocuparam cargos de direção, ou inclusive foram pra outros campi, né, e aí eu queria saber de você o seguinte: como que você percebe em que medida esse modelo administrativo aí de Bambuí e essas pessoas ajudaram aí na organização, né, na otimização do próprio IFMG? Em que medida essas pessoas, se deslocando seja pra Reitoria ou pra outros campus, ajudaram nessa organização administrativa do próprio IFMG?

Neimar Freitas Duarte: É, Denis, eu acho que não só Bambuí, mas eu acho que todos campi acabaram trazendo alguma contribuição. Às vezes percebia, por exemplo, que... eu vejo São João, que é um campus muito organizado, né, assim, é muito enxuto na sua receita, muito, leva a questão financeira muito bem ajustada, até melhor que, eu acho, que Bambuí levava, então, assim, então eu acho que o próprio São João trouxe coisas boas, Ouro Preto contribuiu com coisas boas e Bambuí, assim, seria uma arrogância minha dizer que, né, só Bambuí trouxe. Então, todos trouxeram coisas boas, mas a parte financeira, administrativa, eu não sei se sou bom nisso, não sou muito envolvido pra poder te exemplificar, por exemplo, na parte de licitação teve coisas que Bambuí trouxe, a própria criação do [inaudível 01:48:26], que a nossa gestão tá implantando aqui, pra ter decidido o que vai fazer com o dinheiro, que não é ainda do jeito que eu acho que deveria ser, mas que o orçamento é muito engessado... Mas eu acho que todas acabaram trazendo algum benefício nesse sentido na própria gestão, assim, financeira e tudo mais. Agora, por exemplo, essa divisão que Bambuí trouxe aqui, que de uma certa

forma foi uma divisão em pró-reitorias, vindo das universidades também, por exemplo, ensino, pesquisa, extensão, né, então, por exemplo, isso já era em Bambuí, não era em Ouro Preto, nem era em São João. Então, essa organização de pró-reitoria veio um pouco de Bambuí, que aqui em Bambuí a gente já tinha. Então, já essa divisão, a gente tinha aqui o ensino, tinha a pesquisa e pós-graduação, que era junto, tinha a extensão e tinha o planejamento, né. O Caio, né, dividiu planejamento e administração. Eram duas pró-reitorias diferentes, que pra mim eu acho que foi mais acertado o Kleber, né, colocar junto. Quase era só o IFMG que tinha isso separado, no Brasil todo, planejamento e administração separado. Era meio uma, como é que a gente chama? Uma jabuticaba aí, né. Então, era meio, o único, do IFMG que eu acho que juntou. Eu acho que deu maior fluidez, foi melhor, né. Aí a gente não tinha gestão de pessoas, que eu acho que foi acertado criar essa pró-reitoria, esse sistema organizacional de gestão de pessoas, que é algo que tem muita demanda, muita coisa mesmo. Eu acho mais nada do que justo, não só criar, mas como é realmente uma pasta importante cuidar das pessoas. E que aqui em Bambuí a gente não tinha assim, como uma diretoria. Até na época a pessoa que assumia a pasta de gestão de pessoas, ela reivindicava isso. E, mas não era. Então, parte da organização da Reitoria foi da organização, né, das diretorias, que acabou indo pra Reitoria, que virou as pró-reitorias aqui, que eram diferentes nos campi, né. Então, por exemplo, Ouro Preto tinha a relação comunidade-escola, acho que São João também, então, algumas coisas que tinha nos campi não foram... Eu acho que o sistema organizacional da Reitoria é mais parecido com o que já era Bambuí, né.

Douglas Biagio Puglia: Ótimo, bacana. É, Neymar, o seguinte, né, a gente até comentou sobre isso, né, que a fundação do IFMG se dá a partir de três grandes campi, né, na relação desses três grandes campi com, claro, pessoas, ideias, projetos diferentes, e você ocupou cargos aí desde o princípio e até agora há pouco, né, podemos dizer isso. Eu queria saber se você tem condições de avaliar como eram esses três projetos, como esses três projetos, né, o projeto Bambuí, o projeto São João e o projeto Ouro Preto, conviviam e quais as consequências, disputas, que às vezes surgiam a partir dessa relação desses três grandes iniciais nesse primeiro momento?

Neimar Freitas Duarte: É, vou jogar bem aberto aqui, né. Então, assim, o Flávio era o cara que não tinha muita pretensão de cargo de Reitor, o Flávio Godinho. Ele queria

buscar as coisas pra Bambuí, e Bambuí foi muito esperto nesse sentido, sabe? No início, então, assim, no início, o Flávio, pelo Caio, não era muito bem visto, tinha medo, né, de talvez fazer oposição ao Caio, mas o Flávio foi muito político nisso, né. O Flávio, ele conseguiu, apesar de não concordar muito com a centralização do Caio, ele foi muito político nesse sentido de conversar, de tentar dialogar, de conversar no pé do ouvido do Caio e conseguir as coisas, sabe? Então, Bambuí ganhou muito na gestão do Caio, tá, Reitor. Então ele partiu, vamos dizer assim, pra racha com o Caio, então, a partir de um momento, ele até pára de participar das reuniões do Colégio de Dirigentes, então teve um atrito muito grande. Caio tinha um jeito, vamos dizer assim, mais autoritário, que em alguns momentos de criação foi importante, né. Não tô falando que é um autoritarismo, mas que alguns momentos foram importantes. Eu acho que esse... todo momento, isso foi muito desgastante, né. Então, teve muitas brigas, muito desgaste, pessoas que... Então, por isso que ele iria perder a eleição de qualquer forma, se desgastou demais, principalmente com os líderes que ele colocou do lado dele. Ele punha nos campi pessoas que eram dele, de Ouro Preto, então Ouro Preto tava dominando o Instituto. Então, você tinha Ouro Branco, diretor do campus lá, Congonhas era uma escolha, Lafaiete era uma escolha, Ponte Nova era uma escolha do Caio, né. E hoje é eleição, né. Tudo bem que um ou outro campus você vai ter que ter a escolha do reitor mesmo, Ipatinga era... Então, assim, então houve esse desgaste. [conexão interrompida 01:54:20]

Livia Azzi: Travou?

Denis Pereira Tavares: Travou novamente.

Douglas Biagio Puglia: Travou aqui pra mim também.

Pablo Menezes de Oliveira: Eu também perdi o sinal aqui.

Livia Azzi: Bambuí não é muito boa a internet, né?

Douglas Biagio Puglia: Depende... depende...

Pablo Menezes de Oliveira: É na zona rural, tá na zona rural, né.

Douglas Biagio Puglia: É. Hoje em dia, quase tudo quanto é cidade tem uma rede confiável de internet. E agora travou... Ó, parece que tá voltando aqui, apareceu até uma telinha pequena.

Denis Pereira Tavares: Ele tá voltando aqui.

Neimar Freitas Duarte: Oi, gente. Tá me ouvindo?

Denis Pereira Tavares: Tamo ouvindo, Neimar!

Douglas Biagio Puglia: Agora sim.

Denis Pereira Tavares: Só a imagem... Só a imagem que pra mim tá paralisada. Tá paralisada pra vocês?

Douglas Biagio Puglia: Sim.

Denis Pereira Tavares: Isso. Mas tá voltando...

Pablo: Entrou um outro perfil aqui no meu, dois Neimar Freitas Duarte aqui.

Denis Pereira Tavares: Uhum.

Douglas Biagio Puglia: Verdade.

Livia: E se todo mundo tirar a câmera e deixar só a do Neimar? [inaudível 01:56:20]

Denis Pereira Tavares: Neimar, estamos te ouvindo. Isso, sim.

Douglas Biagio Puglia: Pera só um pouquinho, Neimar.

Neimar Freitas Duarte: Tá bom.

Douglas Biagio Puglia: Mas, assim, só pra ir adiantando um pouquinho, quando travou, você tava falando justamente dessas dificuldades, né, desse momento desses rachas, vamos dizer assim, principalmente da parte do Kleber ali.

Neimar Freitas Duarte: Sim, sim. Então, o Kleber se distanciou, né, como eu disse, logo no início do Instituto. Todos os três campi queriam poder, claro que queria. Essa é... Tanto a gente de Bambuí, queríamos mais pró-reitorias, quanto o Kleber, quanto Ouro Preto, né. Então, eu acho até que, devido o Caio, vamos dizer assim, ele, Ouro Preto ter conseguido o Instituto, eu acho que eles foram até, vamos dizer assim, condescendentes com São João e com Bambuí, que nós partimos pra outro Instituto, nós criamos o Instituto Sul de Minas, porque nós partimos pra outro Instituto, nós criamos o Instituto Sul de Minas, né. E o que que aconteceu depois? Depois aconteceu que a gente pediu pra entrar e também o Haddad, o ministro Haddad queria que a gente entrasse mesmo, e foi sancionada a lei que a gente participaria do Instituto Federal Minas Gerais, seriam esses três campi. Bom, aí nesse momento é que houve um, aí o Caio queria, nós não criamos confusão com o Caio porque a gente tava ali, vamos dizer assim, né, no puxadinho. Então nós entramos. O Kleber, por ter sido o Haddad que fez o pedido a ele para ele entrar, né. Já nós pedimos pra entrar... Não, o Haddad que pediu o Kleber pra ir pro Instituto Federal Minas Gerais, né, o que é diferente. Então o Kleber sentia também

que ele poderia ser reitor, né. Bem, mas não foi e aí começou a ter divergência entre ele e o Caio. Como eu disse, o Flávio foi mais esperto, né, e com isso o Flávio conseguiu muito recurso nisso. Os recursos que sobravam de outro campus, eles pegavam e faziam a obra lá rapidamente. Bem, e como eu disse, todos os três campi queriam esse protagonismo, queria a divisão de poder dentro da Reitoria. Então, por exemplo, o Kleber... O Caio me chamou, mas o Flávio queria que eu fosse pra Reitoria, né, e eu queria até por causa da questão familiar também. Foi toda uma junção de intenções. Bem, mas, por exemplo, na hora de dividir essas pró-reitorias, como São João foi o primeiro a entrar, o Kleber falou, o Caio falou assim: “ó, eu fico com a Reitoria e com uma pró-reitoria. São João tem prioridade em escolher as duas primeiras”. Então o Kleber escolheu Administração e Planejamento, que foi o Edmar, que foi pro planejamento, né. O professor Edmar, e pra Administração, eu esqueci o nome dele, que ele já até faleceu, que era um professor de São João. E o Flávio, né, iria escolher as outras duas. Qual era o problema? Que eu nem sei se isso existe legalmente, eles criaram lá que pessoas que tinham, é, sei lá, se não tinha quatro anos de Instituto, do institucional, não podia ser pró-reitor. Então nós não poderíamos, por exemplo, o grupo que tava com o Flávio na gestão, que era eu, o Oiti, o Washington, o Alexandre, não poderíamos assumir pró-reitorias. A gente tinha que assumir um cargo abaixo, né. O Flávio foi e escolheu, duas pró-reitorias, que ele via que eram pessoas também do grupo dele, mas não da gestão que poderiam assumir, que eram da Extensão e Ensino. Então, ele pegou a Extensão e o Ensino, mas o Flávio também foi esperto, ele mandou o Oiti pra pra diretoria, lá junto com o Edmar, e o Oiti tinha uma influência muito grande na época. Ele colocou o Alexandre na TI, que foi o diretor de TI, que tinha uma influência forte. Eu fiquei na pesquisa, e tínhamos dois no Ensino e na Extensão. Então, a gente tava ali meio que dominando o campo ali. Isso não foi, tipo assim, por acaso, teve uma estratégia por trás disso, né, da gente tá ali naquelas, marcando território ali naquelas pró-reitorias, pra gente estar ali sabendo o que tava se passando, pra comunicar com Bambuí, pra não pegar dinheiro... Então, assim, eu, por exemplo, tava na reitoria ajudando Bambuí muitas vezes. Por exemplo, hoje tem um observatório astronômico aqui por quê? Na época apareceu um edital, chegou lá na Reitoria, ninguém passou pra ninguém, eu corri, liguei pra Bambuí: “ó, vocês fazem esse projeto aí pá pá pá pá pá”, aí mandou. E tem o projeto, tem aqui o observatório astronômico e o pessoal da região vai lá, os alunos, etcétera e tal, pra ver. Pessoal da Física usa, então, assim, essa... colocar pessoas ali na Reitoria, que na época era muito estratégico pra gente, saber o que tava

acontecendo. É como Brasília, né, você tá lá dentro, alguém lá pra saber o que se passa, poder ir lá conversar e dialogar. Então isso foi uma estratégia do Flávio na época. Com isso, Bambuí perdeu, porque praticamente o grupo da gestão do Flávio saiu todo, né. Fomos pra Reitoria, muita gente, né, eu, o Alexandre, o Oiti, o Washington ficou um tempo, depois foi pra Formiga. Então, acabou desfalcando Bambuí, mas, por outro lado, ganhou nesse sentido. Então, como eu falei, tinha esse desejo de poder e de ocupar os espaços ali na Reitoria, né. Mas, claro, o Caio também observava isso e ele jogava com os peões dele na forma ali, no xadrez, colocando os dele nos campi também. Então tinha toda ali uma estratégia de um puxando de um lado e de outro, né. Alguns romperam, como eu disse, a questão do Kleber. O Flávio se manteve ali com o grupo do Caio, né, estrategicamente, por causa do campus. Ele não tinha intenção de ser Reitor. Talvez se o Flávio lançasse, se fosse uma estratégia do Caio, por exemplo, lançar o Flávio em vez do Arthur, que ele lançou como Reitor, talvez ele teria, poderia ter tido outra história o Instituto, né.

Denis Pereira Tavares: Neimar, perfeito. Nesse momento inaugural, a gente tá falando aí de 3 projetos diferentes que convivem e, muitas das vezes, assim, tensionam, tem disputas... Hoje, a gente tem 18 campi, também com a sua questão de convivência e disputas, né. Como você percebe essas convivências e disputas entre esses 18 campi, com esse processo, assim, de crescimento institucional mesmo?

Neimar Freitas Duarte: Denis, eu acho que isso diluiu bem, sabe? Essa... O que tinha no início não é mais esse... Eu acho que essa briga inicial, vamos dizer assim, ela amenizou. Por um lado, eu acho, assim, o Kleber, ele tem um cenário muito favorável a ele, né, que o Caio muitas vezes não tinha, que era, por exemplo, São João. São João era um campus de oposição, né, ao Caio. O Kleber, hoje, ele não tem um campo assim de oposição a ele. Todos os diretores circulam bem com ele e todos que foram eleitos têm uma boa relação com ele. Claro que existe disputa entre campus e campus. A gente percebe isso, né, um campus que tá levando mais dinheiro, um campus que puxa pra ele, um campus que que faz.... Mas eu vejo que o Kleber tenta harmonizar esse tipo de uma forma, até porque ele tem uma boa relação com todos os diretores. Então, ele tenta harmonizar isso muito mais hoje em dia, mas existem essas disputas ainda, principalmente os maiores. Acho que Bambuí quer crescer, quer ser mais, né. Ouro

Preto quer ser mais, quer ser ainda o protagonista, o mais forte. O Bambuí quer ser o melhor em pesquisa, em pós-graduação, quer ser destaque e tal. E é algo que eu não vejo tanto em São João. Esses dois que eu vejo maior disputa, assim, em termos de poder. Assim, eu não vejo tanto em São João isso, São João quer se estabelecer mesmo como um campus grande também, mas não é uma, não vejo isso ferrenho muito de São João, talvez por causa do Kleber, por ele ser de lá, não sei. Mas, eu acho que do que era antes isso amenizou muito, amenizou muito mesmo. Mas tem suas disputas ainda. Mas, eu vejo que hoje o cenário talvez não seja tão, vamos dizer assim, forte de briga, de luta, né, assim, de cada campus puxando pra si, devido o grupo ser o mesmo grupo praticamente. Eu vou dizer assim, talvez ali uns dois, três diretores não são aqueles preferidos pelo Kleber, mas a grande maioria o Kleber queria que fosse aquele ali. Então, eu vejo isso, sabe? Então não tem... Hoje o foco de oposição, né, a política, é Ouro Preto. A resistência hoje, vamos dizer assim, é Ouro Preto, que é o mais assim, o restante todo me parece transitar bem. Então, isso já não é tão forte como no início.

Douglas Biagio Puglia: Neimar, e agora mudando um pouco o foco...

Neimar Freitas Duarte: Sim.

Douglas Biagio Puglia: Falar um pouco sobre memória espacial. Quando a gente, quando você ouve a palavra IFMG, tem algum lugar, algum espaço na instituição que vem à sua mente? E qual é esse lugar?

Neimar Freitas Duarte: Ô Douglas, talvez por eu ter ficado muito na reitoria, o que vem é a reitoria mesmo.

Douglas Biagio Puglia: Ali é o lugar que te traz... Falar IFMG, te remete à reitoria?

Neimar Freitas Duarte: É, porque eu acho que eu fiquei mais tempo lá do que propriamente, do que em Bambuí, então é um tempo que eu passei muito tempo ali.

Douglas Biagio Puglia: Sim.

Denis Pereira Tavares: Ô Neymar, e tem alguma construção dentro do IFMG, né, tem alguma construção assim que até hoje te impressiona positivamente, né, claro, sempre que você a vê? E qual, né?

Neymar Freitas Duarte: A construção que me impressiona tem duas assim. Vamos dizer assim, alguns espaços em Bambuí, por exemplo, você tem um auditório em Bambuí muito grande e lá também o prédio administrativo. E o campus de Sabará. Pode parecer, talvez até pra eles não, mas eu queria muito que aquele campus saísse e ele foi construído no lugar que eu imaginei que ele poderia ser. Sem ser na época, sem ter esse lugar ainda, ter sido doado pro Instituto, então, na época eu até comentei com a diretora e eu acho esses dois locais, de ver, né, o campus Sabará pronto, esse crescimento. E esse espaço aqui, é, em Bambuí, né. Então, assim, isso forte. E a Reitoria também, né, por ser em Belo Horizonte, eu vejo muito como centralizadora, né, centralizadora não no ponto negativo, de centralizar as coisas, mas de onde parte, vamos dizer assim, aquele sangue que é do coração para os outros campi. Então, eu vejo a Reitoria assim, nesse sentido, como o coração do Instituto. Por isso, o espaço geográfico também aí, pra mim é muito, tem um aspecto emotivo aí também nesse sentido aí.

Douglas Biagio Puglia: Beleza. Agora falando um pouco sobre ensino, essas questões. Na sua avaliação, quando que se efetiva, de fato, se é que se efetiva, né, a relação entre o IFMG, a comunidade externa e o mundo do trabalho? Até pensando, né, a função principal, quando a gente analisa a lei de criação dos Institutos.

Neymar Freitas Duarte: É, vamo ver se eu consigo te responder, Douglas. [risos] Ó, pra mim, eu acho que, a efetivação do Instituto e comunidade é quando, é, e eu falo comunidade, não é o bairro, pessoa, cidade, mas as empresas que tão ali associadas em ações, tudo que tá ali envolvido ali naquela, naquele campo de atuação do Instituto, talvez não só o município, mas o espaço geográfico também, né. Eu vejo que é quando

esse campus, ele se aproxima dessa comunidade, que esse campus vá até a comunidade e a comunidade vai até o campus, onde a comunidade começa a ir ao campus e sentir ali parte dela, que aquele campus não é algo isolado do distrito, do Governo Federal, mas aquilo é daquela cidade, aquilo **faz parte** daquela região, pra mim é uma questão mais, vamos dizer assim, até cultural, muito mais profunda, não é só medição de números. Ah, quantos alunos formou? Quantas empresas procuraram o Instituto? Quanto produziu de pesquisa pras empresas? Tudo bem, isso tudo eu acho que são números, são fatores importantes de avaliar, mas é algo um pouco mais profundo, que é subjetivo, que talvez não tenha jeito de medir, né. Mas alguns, pensando em alguns números, nem números, vamos dizer assim, fatores que eu acho que seriam importantes: quantos projetos de extensão tem? Realmente a gente tá indo na comunidade? Por exemplo, Bambuí vem aqui nos produtores? Incentiva, por exemplo: “ah, vamos produzir galinha poedeira!”. Então, nós vamos começar aqui, “tá dando dinheiro isso”, vamos lá incentivar aquele pequenininho, coitado lá que vive lá do... Vamos aqui ó, você vai criar essa galinha, você vai fazer o galinheiro assim, eu vou aqui, meus alunos vão vir aqui toda semana te orientar, os alunos já vão estar mexendo ali, entendeu? Então, quantos tem? Quem está fazendo isso no campus? Quantas empresas têm vindo procurar pesquisa no Instituto? Quantas empresas têm pedido a gente para pesquisar sobre transmissão, velocidade na transmissão aqui de 4G? Qual é a melhor antena de 4G? Qual é o melhor processo de 4G? Então, quais empresas buscaram, o que a gente interagiu com essas empresas? Quantos de, culturalmente, a gente tem oferecido aqui nessa comunidade que tem vindo gente aqui dentro do Instituto, pessoas da cidade, pessoas da comunidade, que têm vindo estudar aqui? Quantos alunos nós temos formado e esses alunos têm entrado no mercado de trabalho? Esses alunos têm empreendido algumas coisas? Ou esses alunos, que são números, que a gente não tem direito, esses alunos simplesmente estudaram e foram trabalhar? Igual aqui Bambuí, desculpa dar esse exemplo, mas, por exemplo, muitos alunos aqui, eu ando aqui e aproveito: “ô professor, tô lá trabalhando no caixa”, e é engenheiro. Trabalha no caixa de supermercado! Pô, eu não dei aula pra ele pra isso. Não tô querendo aqui, falar que, menosprezar aquela função, de forma alguma, mas ele poderia estar contribuindo mais, né. Ele poderia tá contribuindo mais pra cidade, pra vida dele, pra família dele. É que todo aquele aprendizado dele, assim, valeu, né, mas, assim, ele não tá aplicando ali, né. E são muitos, não são poucos não, são muitos. Eu faço a mesma coisa lá em Santa Luzia. Tô lá dando aula, dou aula lá pro Paisagismo, quantos tão trabalhando na área?

Técnico em Paisagismo. Quantos foram realmente pra área? E uma área que eu vejo extremamente potencial, tá. Porque é o seguinte, eu fui lá na Leroy Merlin, lá uma planta, 300 reais. Uma planta, 300 reais uma planta ornamental, tá! Então, assim, em um ano ele produz ela com poucos custos. Você vai gastar 20 reais pra produzir ela. Então, assim, um grande potencial tem esse aluno. Cadê? Ah, não, hoje ele trabalha de quê? Ah, ele trabalha no caixa, trabalha de vendedor, ele tá vendendo, picolé, ele tá vendendo... Não menosprezando nenhuma dessas funções, entende? Só tô dizendo que nós estamos formando pessoas que não estão indo pra onde a gente, o país precisa, onde deveria. Então, acho que tudo isso faz com que o Instituto tá cumprindo seu papel, né. São muitos fatores aí que eu acho que a gente tem que tentar ter dados disso pra dizer: “realmente tamo cumprindo nosso papel”. Mas não só dados, alguma coisa muito além de dados, que não dá pra ser medido, né. Essa relação próxima onde o município, talvez a região, fala assim: “nós gostamos deste campus”, “nós amamos o IFMG”, “o IFMG é nosso”, “o IFMG faz parte da nossa história”, “o IFMG faz parte aqui dessa região”. E que até lutem pra gente quando vier um governo doido aí pra poder fechar a gente. Falar: “não, isso aqui você não vai meter a mão não, isso aqui é nosso, isso aqui faz parte da nossa história, isso aqui é importante pra gente” e tal. Mas, eu penso que aí seria, talvez seja muito sonho meu, né, seja muito utópico, mas eu imagino que seria isso. [risos]

Denis Pereira Tavares: Perfeito, Neimar. E em relação ao IFMG, principalmente, né, em relação ao ensino do IFMG, o que você percebe no IFMG como diferencial? Por exemplo, o que é o diferencial do IFMG em relação ao seu ensino que o torna assim tão sedutor e aí diferenciado em comparação a outros modelos de ensino?

Neimar Freitas Duarte: A primeira coisa são os seus recursos humanos, né. O recursos humanos do Instituto é o diferencial de qualquer outra instituição, né. Isso, claro, não tô falando Universidade, de qualquer Ensino Médio, né, e mesmo algumas instituições privadas, né, de Ensino Superior. Realmente, os nossos docentes, né, são diferenciados. Não só os nossos docentes, mas os nossos técnicos também, os nossos técnicos passam por concurso público e se passaram por concurso público, se venceram essa etapa, eles são diferenciados. E claro que contribuem muito nesse sentido: um psicólogo, uma assistente social, uma secretária lá na hora do atendimento ao aluno, isso tem, né, a

gente faz a diferença nesse sentido. Por exemplo, hoje, nós, um aluno nosso tem algum problema, tem lá uma psicóloga pra atendê-lo, tem uma psicóloga pra dar orientação, orienta o professor como agir com aquele aluno. Por exemplo, eu tinha uma menina surda/muda na minha sala, então, aí vem a pessoa, me orienta como que eu vou agir, como eu tenho que olhar pra ela, que ela consegue ler meus lábios, então, me orienta nisso, né. Então não é qualquer escola que acolhe uma pessoa dessa, né. Então, pessoas que têm algum problema psíquico, né, assim, a gente tem pessoas pra orientar, pra acompanhar esse tipo de pessoas. Mas não só esse, né, os alunos querem vir porque eles vão ter uma formação diferenciada. Eu vejo, nem é tanto metodologia, porque a gente não fala assim: “ah, o Instituto tem essa metodologia”. A gente não tem uma metodologia de ensino que é padrão, né, a gente busca. Que eu vejo, nossos professores, nós recebemos bem comparado ao mercado, né, não a outros países, outros países não, mas comparado ao mercado, a gente recebe bem. Então, querendo ou não, isso contribui pra gente se dedicar mais, o docente se dedicar mais, e os nossos docentes recebem, tiveram uma formação muito boa, muitos deles doutorado e dão pro Ensino Médio. Aula, e a gente tenta também dar aula prática. Querendo ou não, a prática, ela contribui pra simulação do conteúdo, né, pra que aquilo se volte pra vida prática, pra prática, aquilo se torna muito mais fácil no entendimento do aluno, né, e dele aplicar aquilo na vida em qualquer prova, em qualquer lugar. Então eu acho que isso contribui muito pros nossos alunos. Eu acho que é a estrutura física, de laboratório, né, que ainda não é o que deveria ser, e os nossos docentes, os nossos técnicos, que são o grande diferencial do nosso Instituto, que é mais sedutor. Não é só porque passa no vestibular, mas passa no vestibular porque tem isso por trás.

Douglas Biagio Puglia: Sim, sim. E Neymar, você que passou pela pesquisa, pela pós-graduação, na sua visão, qual é o papel que o IFMG deveria desempenhar em relação a uma política aí, né, no tripé em si, na pesquisa e extensão, mas aí nesse caso, principalmente pesquisa que foi uma área que você teve detidamente mais atenção, que você tem, né? E qual que, como você vê a política atual do IFMG em relação à inovação tecnológica?

Neymar Freitas Duarte: Ô, Douglas, eu sou muito crítico quanto a isso, porque eu acho o seguinte, eu acho que o, eu não sei se é uma fase que passo de decepção quanto ao

IFMG ou aos Institutos como um todo, né, de ver a lei, de ver o que era a proposta do Instituto e ele estar tão distante disso... Claro que não vou negar que a gente tem muita coisa boa e que a gente, comparado a outras instituições, a gente é muito melhor, sem sombra de dúvida. Mas estamos longe daquilo que poderíamos ser. Então, eu até cheguei a comentar na minha defesa de titular, fizeram uma pergunta pra mim sobre isso, eu acho, eu, assim, acredito que talvez o governo poderia propor algo assim, né. Isso é coisa minha, não tô falando que eu tô certo ou não. Deveria ter os Institutos Federais e as Universidades Tecnológicas. E que as Universidades Tecnológicas seriam aquelas que têm condições de oferecer pós-graduação. E que eu acho que não é o nosso caso, apesar de eu ser, ter sido pró-reitor. Por que eu acho que nós não? Nossa pesquisa ainda é pífia, né, a nossa pesquisa só acontece depois que se publica. Pra que pesquisou? Ah, eu pesquisei, por exemplo, que no meu caso aqui, que deu certo eu plantar cedro. Eu tô falando que é um caso meu, né, que eu fiz, eu plantei cedro num sistema silvipastoril. Onde eu coloquei mata, onde eu coloquei gado ali dentro e onde aquilo ali conviveu bem e o que eu fiz ali funcionou excelentemente bem, uma beleza, mas ficou pra mim. Eu fiz, ganhei dinheiro pra fazer isso, ficou pra mim, eu não publiquei isso em lugar nenhum. Ah, mas você publicou no Congresso do IFMG, quem viu? Eu que apresentei o poster, mais ninguém. Pra que isso serviu pra pátria? Isso serviu pro país? Assim, não tenho nenhuma relação com essa pessoa que tá lá no poder não, tá. Por exemplo, então eu tô querendo dizer assim, pro nosso país, pra que isso serviu se eu não publiquei isso, se eu não passei isso pra extensão para que chegue ao produtor? Se eu não passei, se uma técnica lá, por exemplo, de fazer um vaso sanitário diferente, se eu não passei isso pra indústria, o que serviu isso, entende? E é isso o que tem acontecido no nosso Instituto. A gente banca a pesquisa e isso não gera publicação nenhuma, isso não vai pro produtor via extensão, isso não vai pra indústria, isso não vai pra lugar nenhum. Isso fica na nossa gaveta, isso fica no relatório. Quando fica no relatório, quando não fica no resumo institucional, pra que serviu? Pra nada. Talvez pra foto, pro meu aluno como pesquisador. Pra isso, né, capacitou ele, sabe hoje fazer uma pesquisa, ter que mexer lá, sabe analisar, sabe fazer um delineamento, sabe como medir tudo, ok. Pra formação dele serviu, mas pra publicação, pra gerar conhecimento, pra trazer inovação não serviu. Eu acho, a gente tem uma coisa que a gente fala assim: “ah, não, mas o pessoal do propedêutico não consegue fazer pesquisa aplicada”. Claro que consegue! Eu até já falei muito isso com o Pablo, já nos irritamos inúmeras vezes até sobre isso. Por exemplo, história, vamos fazer um WAR sobre, vamos fazer uma

pesquisa, vou produzir um WAR sobre o Brasil colonial, né. Tem as cartas lá e tal, essa vai ser minha pesquisa, né. Se isso o aluno aprendeu, produziu aquele jogo, então, assim, claro que tem milhões de coisas. [risos]. Então, claro que é possível, claro que é possível, entendeu? E a gente infelizmente não faz isso. A gente não gera nenhuma inovação. Eu não falo nem patente, porque patente é bobagem, entendeu, em número até talvez. Mas, assim, a gente não gera algo novo pro nosso país, algo novo que vá gerar renda pras comunidades que estão ao nosso redor. Sou tão crítico quanto a isso. Nós tentamos fazer isso, mas tivemos muitas dificuldades de fazer isso, nós não tivemos adesão da comunidade acadêmica. Tivemos um pouco, por exemplo, fizemos alguns editais com empresa, que foi muito bacana. Pra mim é um ponto muito legal nosso, sabe, de trazer solução pras empresas, isso foi muito legal, mas que a gente poderia fazer mais, por exemplo, com associações, cooperativas... Tá lá o pessoal que sofreu com Mariana, por que eu não vou lá fazer um trabalho de pesquisa e extensão, um edital próprio pra eles ali pra solucionar o problema deles? Até hoje lá, a Samarco não conseguiu gerar nada para aquele povo, entende, de concreto. Eu acho que tem muita coisa, talvez por essa minha ânsia, né, isso acaba me frustrando. Eu mesmo fui ficando frustrado comigo, com a instituição. Talvez eu esteja errado, querendo ver resultado muito rápido, querendo ver... Minha esposa fala muito isso: “ah, mas o Instituto é tão novo, 12 anos”. Eu falo: “Porra! 12 anos é muita coisa!” [risos]. Então, assim, você tá querendo... Mas não é 12 anos, atrás de 12 tem 40 de Bambuí, tem 30 e tantos ou 40, sei lá, de São João, tem 50 de Ouro Preto. Então, eu fico assim... É claro que não é só nós do Instituto, eu sou de Viçosa, fico vendo que a UFV lá em Viçosa contribui tão pouco pra cidade. Nossa, lá a questão da criminalidade é enorme e a criminalidade é enorme por quê? Por causa da baixa renda das pessoas, né, pessoas pobres que estão lá, que estão buscando alguma forma de comer, de viver... Por que a universidade conhecida no mundo inteiro não pode gerar uma tecnologia lá [inaudível 02:27:54]? Então, assim, é claro que isso não é tão simplista como eu tô dizendo, tem o outro lado do empresário, o financiamento disso tudo. Claro que não é tão simples assim. Mas eu vejo em termos de produção, até de *paper* nosso nós estamos muito ruim nisso, né. Eu fico frustrado também, Douglas, com a pós-graduação. Assim, nós não temos uma, algo cultural como a pós-graduação, por exemplo. A gente dá cur... a gente dá aula na pós-graduação porque nós gostamos, por causa que nós... Eu não quero ganhar mais por causa disso, financeiramente, mas eu quero poder pelo menos que isso conste lá na atividade docente, pelo menos. E que a minha atividade na pós-graduação pelo menos diminua

meu número de aulas no técnico, na graduação, pra eu orientar meus alunos, pra eu fazer pesquisa, e nada disso é considerado, entende? “Ah, não, você não precisa dar aula na pós não, o que importa aqui é o técnico”. Tudo bem, eu acho que realmente o técnico na nossa instituição é mais valoroso mesmo, mas, assim, eu não vou poder dar aula na pós? Não vai poder conhecer isso, então o que acontece? Não tem esse entendimento da pós, né, de saber. Então, por exemplo, o professor sai, por exemplo, o caso da esposa... Esqueci o nome dela, do campus seu, ô Douglas. Ela vinha de São João aqui dar aula em Bambuí, entendeu? É 12 horas, pô, de viagem. Isso não era nem contado esse dia. “Não, esse dia não vamos contar, não.” Mas ela tava viajando. Então, é a Grazi, é a Graziela. Então, por exemplo, são coisas que eu acho que merecem reconhecimento, merecem... Então, assim, culturalmente, o Instituto está muito despreparado pra pós-graduação, tá muito despreparado pra pesquisa. Então, eu acho que deveria ter um grau a mais, que é diferente, por exemplo, você pega um IF/Goiânia [Instituto Federal Goiano]: pô, os cara tão lá e o Polo de Inovação deles lá, que é bem depois do nosso, hoje é muito melhor do que o nosso [inaudível 02:30:13]. Então, você tem... por quê? Eles, culturalmente, abraçaram a inovação, abraçaram a pesquisa, abraçaram a pós. Eles têm lá 4 cursos de doutorado, não sei quantos de mestrado, 10, sei lá, de mestrado, né. O IF/Fluminense [Instituto Federal Fluminense]... Por isso, eu acho que deveria ter um patamar a mais aí de Universidade Tecnológica. Estes Institutos sim têm condições de oferecer pós, porque culturalmente eles já, eles vivem um clima de pesquisa, eles vivem um clima de pós, eles vivem um clima de inovação. Nosso Instituto, não. E não vive por causa de quem tá na frente também, né. O nosso reitor tem várias qualidades, mas uma que ele não tem é essa. Não sabe o que é pesquisa, ele nunca pesquisou, né. Ele não sabe o que é inovação. E mesmo o anterior. Então, assim, e os gestores que tão lá nos campi também, os diretores de campus também não têm essa visão. Então, a gente tem vários problemas nesse sentido. Então, um dos problemas são esses. Por que essas outras instituições tão na frente? Porque os gestores delas vislumbraram a possibilidade de crescer nesse sentido, incentivaram essas áreas desde o começo, o concurso de quem, pra quem vai entrar, tem que ser gente que faz pesquisa, tem que ser gente que faz inovação. Não é só dar aula aqui não, entendeu? Então, desde o concurso você é valorizado e aí muda a instituição. E lá na frente tem dinheiro, lá na frente tem pontuação, lá na frente ganha. E o nosso Instituto vive aí esse marasmo aí. Se eu falar isso pra quem tá na frente, para o pró-reitor de ensino, ele vai me bater, para o pró-reitor de extensão, ele vai me bater, e talvez o de pesquisa não, ele vai concordar, talvez

concorde comigo, mas os outros dois acho que vão me bater. O próprio reitor vai me bater. Mas essa é a realidade. Então, eu falava isso quando eu tava aí e falo hoje. Infelizmente é isso. Nós tamo aí na garra, na luta, né, junto com o [inaudível 02:32:19], na base da briga, da luta mesmo, insistência, o que nós temos, o de Educação Profissional, o de Sustentabilidade, lutando pra se manter, porque não tem um tostão pro mestrado, não tem um tostão. E os outros que tão vindo, Geografia e Administração, na base da luta, porque incentivo institucional, zero pra isso. Zero, eu falo zero, é zero, é zero mesmo! Nem de reconhecimento, nem de pontuação na RAD [Relatório de Atividade Docente], nem financeiro, que não é pro meu salário não, é pra fazer a pesquisa. Zero. É isso. Então, como é que a gente vai ter pesquisa e pós-graduação, né? A pesquisa só tá diminuindo o dinheiro, cada vez mais, porque eles não acham isso importante. No corte lá que teve, é, do Temer, lá atrás, o primeiro que cortou foi a pesquisa. Cortou tudo. Então, como que a gente vai ter cultura se a gente não tem nem isso pra criar cultura? Nós não temos cultura, nem tem isso pra criar cultura, nós não deveríamos ousar, nem mexer com isso... Assim, pode ser que eu mude de opinião daqui a uns dias, mas hoje é isso que eu penso, entende? Porque é essa realidade que eu vi na pós-graduação, que nós enfrentamos aí. É, falo “aí”, assim, na reitoria. Que nós enfrentamos... Então é um embate difícil de ser vencido, um embate onde que a gente tem que lutar pra que isso aconteça, que deveria ser uma coisa mais do que normal ali no processo ali. Bem, é isso [risos]. Desculpe talvez por uma fala pessimista aqui.

Douglas Biagio Puglia: Não, tranquilo. Inclusive, você vai ter oportunidade de continuar, eu acho que agora...

Denis Tavares Pereira: [risos] Neimar, é, brigadão, né, pela sua questão colocada. Eu queria saber de você sobre o futuro dos Institutos Federais. Os Institutos Federais têm futuro? Qual a sua percepção, então, em relação ao futuro dos Institutos Federais, especificamente em relação ao IFMG? Qual o futuro?

Neimar Freitas Duarte: Olha, eu temo muito pelos Institutos, sem brincadeira. Apesar de eu achar que é uma proposta fantástica, é uma proposta que foi embasada em outros países, Alemanha, Canadá, foi estudando esses países pra trazer algo pro Brasil. É claro

que nós não copiamos, né, tanto que é diferente. Você vê os politécnicos, eu fiquei no politécnico lá de Portugal, reconhecido, tá! E olha que os politécnicos são meio parecidos com a gente. Eles têm, vamos dizer assim, as Universidades são mais valorizadas que os Inst... que os politécnicos lá em Portugal. Eles são tidos por alguns como patinho feio. É o mesmo recurso da Universidade, mas é outro nível de valorização pela comunidade, tá, então, a comunidade tem um apreço diferente, que eu acho que ainda os Institutos não têm. Quer dizer, na maioria dos lugares que você fala de Instituto Federal, a grande maioria fala: “o que é isso?”. Aí você fala: “ah, o CEFET, sabe o CEFET?” “Ah, o CEFET virou Instituto?” “Não, o CEFET continua CEFET, mas a gente é uma outra coisa, assim, mas é igual, entendeu?” [risos]. Então, assim, ninguém conhece... Se a gente, eu penso assim, não tô querendo ser produtivista assim não, se a gente não der um retorno mais rápido pra sociedade, que eu falo exatamente disso, a gente corre risco de acabar, entendeu? Se qualquer governo aí quiser acabar com o Instituto Federal, se a gente mostrar nossos salários e o que a gente produz de pesquisa, de extensão, de alunos que formam e onde esses alunos estão, eles acabam com a gente. Claro que outros outros Institutos não, já têm uma, eu acho que eles têm índices melhores que a gente. Só esses que eu já citei, né, Goiano, Fluminense, Rio Grande do Norte, Ceará, Espírito Santo. O próprio CEFET/MG tem diferença do nosso. Então, eu já até respondo, eu acho que a gente corre o risco de um governante louco, que eu acho que nesse governo a coisa tá tão ruim que eu acho que eles nem tão preocupados muito com a gente não. Mas, assim, se o governo quiser nos atacar, é fácil de derrubar, muito fácil! Muito fácil, porque a comunidade, nós não vamos ter uma comunidade pra nos defender. E nós não temos índices pra nos defender, exceto alguns. Então é um futuro arriscado se mantivermos dessa forma... Você acha que acaba com a Universidade? Você acha que acaba, privatiza a Universidade pelos números da Universidade? A gente sabe que não. Ela tem números, ela tem dados pra colocar na cara e pra mostrar pra comunidade. Nós não temos. Então, eu preocupo, apesar de achar que é uma proposta magnífica no papel e é viável de acontecer, basta as pessoas terem visão e colocar pra acontecer, mas não depende só do gestor. Mas o gestor também tem que tá empenhado, mas não depende só do gestor, depende de todos, todos nós, de entendermos qual é o papel do Instituto fazendo isso. Por exemplo, só desse negócio de aumentar a carga horária nossa, o povo todo começou a chiar. Tudo bem, mas deu vontade de perguntar pra ele: “tudo bem, você vai aumentar sua carga agora pra 14 horas, vai ser no mínimo 14. Além da aula, o que que você faz?” [inaudível 02:38:25]

“Ah, a gente é da comissão”. Cria-se comissão pra formar uma comissão. Então, e aí passa-se o tempo nisso... Então não dá, não dá mesmo. Então, eu acho, assim, que os Institutos... É preocupante sim, e que o IFMG, pra mim, é mais preocupante, muito mais, porque nós não temos os números de alunos, colocar alunos. Você sabe que pelo número de professores, hoje nós temos mais que mil, mas o último dado que eu tenho é mil professores. Sabe quantos alunos a gente tinha que ter? 20.000 alunos pela regra lá do MEC. Hoje nós não devemos ter 6.000 alunos no Instituto. A gente já tinha que ter 20.000 alunos, nós não temos 20.000 alunos. Tô botando só em números obrigatórios pelos acordos que foram feitos anteriormente dos Institutos com o MEC. Nós não temos. Se for pegar pesquisa e extensão, aí nem se fala, nem se fala, tá. Então, eu acho que, eu tô falando de extensão porque muda o calendário da comunidade mesmo, uma pesquisa que traz resultado pra comunidade. Não precisa ser: “que pesquisa impactante, mudou, curou o câncer”, não. Coisa simples. Eu tô aqui na roça, gente, outro dia eu tava procurando uma coisa boba, sabe o que é? Pra, um negócio pra espalhar adubo, porque a máquina é cara. Eu queria comprar uma maquininha aí de 400 reais. Sabe quem produz essa maquininha? A China, Japão te importa. Sabe o que é? É uma bicicleta praticamente pra jogar adubo. Pô, a gente não consegue fazer isso? A gente não consegue, aqui em Bambuí tem gente da Engenharia Agrícola, gerar uma coisinha simples dessa pra jogar um adubo. Então, assim, eu tô dando um exemplo aqui prático, assim, que, pô, a gente podia solucionar o problema do pequeno produtor que não tem dinheiro, né, pra jogar adubo, pra pagar 1.000 numa máquina pra um dia de trabalho. Então, assim, é complicado, então, desculpa também ser mais uma vez pessimista [risos].

Douglas Biagio Puglia: Não, não, tranquilo, Neimar. Neimar, agora já caminhando...

Neimar Freitas Duarte: Agora já até [inaudível 02:40:49], pensando se deve passar essa gravação ou não. Tô brincando, tá? [risos]

Denis Tavares Pereira: [risos] Não, fica à vontade, fica à vontade.

Douglas Biagio Puglia: A última pergunta vai ser pra você reafirmar ou não essa resposta, então você vai ter a oportunidade, né, de repensar sobre isso. Mas, antes dela, já caminhando pro final, eu queria que você fizesse um balanço aí pra gente, do que você achou desse exercício de memória, do que você achou aí dessa, dessa ação que nós estamos desempenhando agora nesse momento?

Neimar Freitas Duarte: Ô, Douglas, eu passei por um exercício desse, né, ao fazer meu memorial agora recentemente, que eu defendi. Teve a banca, né, pra defesa do meu, pra ser titular, professor titular, e eu tive muita dificuldade de fazer esse memorial. Eu demorei quase 6 meses pra fazer o memorial, porque emocionalmente tava difícil, entendeu? Eu ia pro computador e garrava pra fazer. E ainda tô sofrendo com isso, tem afetado, infelizmente, a minha vida mesmo, emocional, pessoal. De uma certa forma, isso me afeta. Não deveria, né, mas infelizmente. Então, emocionalmente, mexe comigo, né. É bacana lembrar de muitas coisas boas, claro, que teve muita coisa boa, mas às vezes eu mesmo me sinto frustrado comigo, sabe? Por não ter conseguido, é, estar na frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e não ter feito que a instituição pesquisasse mais, produzisse mais, e eu me sinto frustrado comigo mesmo também. Claro que a responsabilidade, vamos dizer assim, né, a carga, não sou só eu, é de todos, é da instituição, mas, infelizmente eu acho que eu falhei nisso, sabe? Então é algo que eu trago também. Mas é bacana ter lembrado da história, de momento, como eu falei, de sangue nos olhos. Pô, era doido os cara, trabalhava igual um louco, brigava, xingava e tal. E brigava por essa instituição, corria de carro pra chegar, pra fazer as coisas. Um dia me acidentei por causa disso, as loucuras mesmo que a gente faz, a gente mais jovem, né. Aquele, vamos dizer assim, desculpa o termo, aquela tara, né, de fazer pesquisa, de fazer instituição, de ir naquela loucura, né. Eu lembro minha esposa brigando comigo porque eu punha meu carro pra carregar coisa da instituição, e mesa, e toma multa no carro, e estraga o carro, e coisas que você põe o coração ali. Então, querendo ou não, te marca, né. Tem muito... Exatamente... [risos]. Então, já briguei bastante aí. Então, já me expus, já me desgastei com pessoas, né, que hoje, assim, ainda não tô ainda naquele ponto de saber, ter a maturidade ainda, talvez por falta de maturidade mesmo, né. Maturidade pra não entrar nessas que às vezes você se desgasta, desnecessário, de coisa que passa, né. Então, mas uma coisa que eu sei que eu não deixei de fazer é de pôr o coração, de pôr toda a minha... o meu ser ali naquilo, à serviço daquilo, isso eu pus.

Hora alguma eu fui, é... Falando, assim, eu tava em outro lugar, não, eu tava ali de corpo e alma, com garra mesmo. Mas teve muitos momentos positivos que dessa, da história, que me relembra, que me faz... Pontos positivos aí desse período anterior aí, que é muito bacana. E querendo ou não, eu faço parte dessa história e o Instituto faz parte da minha história.

Denis Tavares Pereira: Ô Neimar, com certeza. Mais uma vez, então, a gente, em nome aí do Centro de Memória, né, desse projeto de construção de uma memória institucional do IFMG, de percorrer esses caminhos aí fundacionais do IFMG, então a gente te agradece a disponibilidade, a gentileza de fornecer essa entrevista pra gente. E a gente tem essa certeza, sim, da sua contribuição nesse processo, né, tanto é que a gente teve esse empenho aí nessa entrevista. Então te agradecer nesse sentido, e uma questão que a gente faz pra você é a seguinte: você, é, disponibiliza essa entrevista pra gente? Então essa é uma questão, e outra questão, se você deseja incluir mais alguma outra questão que a gente não lançou, alguma outra consideração? Então, você pode ficar à vontade também, e muito obrigado!

Neimar Freitas Duarte: Pessoal, disponibilizo, sim, sem problema algum, tá. Eu quero só agradecer pelo convite de vocês, né, por esse reconhecimento. Me sinto lisonjeado, né, de dar essa entrevista e desse reconhecimento de eu ter feito parte também, de contribuir com o Instituto, né, que eu acho que essa entrevista é um reconhecimento, né, de ter dado parte da minha vida por essa instituição. Então, eu agradeço muito a vocês por essa entrevista, ao Pablo particularmente, né, à Lívia que acompanhou. É, Denis e Douglas, muito obrigado, tá. Talvez não tenha sido uma coisa tão motivadora assim [risos], mas foi sincera. Em hora alguma eu quis passar pano em nada [risos].

Douglas Biagio Puglia: Não, mas tá ótimo, Neimar. De novo, muito, muito obrigado por nos atender e estar aqui conosco, quase chegando na terceira hora de entrevista.

Pablo Menezes de Oliveira: [inaudível 02:47:51]. Ô Denis, se você quiser encerrar a gravação aí.

Denis Tavares Pereira: Tá, eu vou finalizar a gravação, mas a gente continua.